

Armando Correa de Siqueira Neto



PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA



Armando Correa de Siqueira Neto

Psicologia Evolucionista

SIQUEIRA NETO, Armando Correa de
Psicologia Evolucionista / Armando Correa de Siqueira Neto
Mogi Mirim – São Paulo: 2016.

1. Evolucionismo 2. Psicologia 3. Antropologia
4. Paleontologia

“O homem seleciona somente para seu próprio bem; a natureza o faz só para o bem do ser que tem a seu cuidado.”

Charles Darwin

Introdução.....	06
O Sistema Ordo.....	07
Parece que foi ontem.....	17
Salto evolutivo.....	20
Além das suposições pré-históricas.....	24
Vamos rever o tema agressão?.....	27
A saga do Homo sapiens.....	30
Dois caminhos e um só destino.....	33
A superação do Homo sapiens.....	35
Homo entorpecidus.....	40
O lado sombrio da civilização.....	43
Uma babá muito louca.....	45
O psiquismo a serviço da informação genética.....	48
Muito além do que somos.....	52
Controle social e autocontrole.....	55
A ponte Darwin-Freud: o sexo na evolução humana.....	57
Maravilhas da evolução biológica.....	61
Mais de você em você mesmo.....	64
Afortunada rebeldia.....	66
Caos, ordem e desenvolvimento.....	68
O poder de criação do homem.....	70
Potencial de aprendizagem e autossuperação.....	73
Quem acredita na tabula rasa?.....	75
Jogo de cartas marcadas?.....	77
Evolução criativa.....	79
Os despertares da inteligência evolutiva.....	81
O círculo vicioso da expectativa autoenganada.....	83
Uma beleza invisível.....	92
Referências.....	94
O autor.....	96

Introdução

Desde os registros de Anaximandro (610-547 a.C.), passando por Tito Lucrécio Caro (99-55 a.C.), Conde Buffon (1707-1788), Jean Baptiste de Lamarck (1744-1829), Erasmus Darwin (1731-1802) até Alfred Russell Wallace (1823-1913), e Charles Darwin (1809-1882), o evolucionismo demonstra já ter sido observado desde há considerável tempo, e suas implicações práticas levaram a uma rica associação com outros campos do saber, tais como a biologia, antropologia, sociologia, paleontologia, arqueologia, geologia e a psicologia, causando reviravoltas no modo de compreender o ser humano em suas muitas formas de desenvolvimento. A ciência da psicologia vem ganhando maior espaço ao analisar as evidências evolucionistas e lhe imprimir ideias até então adormecidas.

Por que somos como somos em relação à vida parental, no sexo, no uso das emoções e do intelecto? Que influências se destacam tanto da genética quanto do ambiente no transcorrer da vida? Eis algumas das importantes questões a serem refletidas com base na moderna psicologia evolucionista.

O Sistema Ordo

Do primitivo e caótico descontrole
ao sutil controle contemporâneo do ser humano

Ordo, em latim, significa ordem, e o seu sentido aqui analisado diz respeito ao estabelecimento de organização controlada, obtida a duras penas (a morte de muitos de nossos antepassados pré-históricos por falta de alimento e desproteção frente ao ambiente hostil no qual viviam), capaz de superar períodos obscuros e caóticos, levando-nos a novos patamares de sobrevivência, longe de serem ideais ainda, porém mais seguros do que foram outrora.

Quem sente a fome corroer, por exemplo, sabe o que significa a ausência de alimento, e, ainda pior, quão desolador fica sem a expectativa de consegui-lo. Aquele que se vê inseguro conhece de perto a eficaz ação do medo (estimulado destacadamente pela amígdala cerebral) a lhe roubar o sono e, por vezes, a esperança, podendo chegar ao extremo do pânico e de outras circunstâncias das quais queremos nos manter distantes. Os objetivos voltam-se ferrenhamente à solução da indesejável instabilidade, com senso de urgência, a fim de dar cabo à forte ansiedade que teima em não desgrudar. A prioridade de resguardo se estabelece com a mesma facilidade invasiva dos ataques temerosos. Acaso não é o medo capaz de estimular maquinações defensivas de causar assombro?

A criação e a manutenção do sistema de proteção

Ordo é um sistema criado pelo ser humano (ainda que seja difícil percebê-lo, pois foi se desenvolvendo evolutivamente sem que se precisasse ter consciência a seu respeito), uma exigência adaptativa cuja finalidade foi a de estabelecer controle frente à constante ansiedade experimentada diante de tamanha insegurança

nas épocas sombrias e desprazerosas cuja lei da selva dava as cartas e as tomava sem qualquer cerimônia, fazendo do acaso um jogador indesejado, porém inevitável, à mesa da vida (e ainda o é, se considerarmos tantos eventos imprevisíveis e estatísticas tão pobremente formuladas com base em poucos dados, conforme bem descreve o físico estadunidense Leonard Mlodinow), além das doenças e acidentes que podiam ser fatais, aumentando as tristes chances do mal-estar se impor.

Como resposta defensiva à espinhenta e traumática experiência, além do assustador prognóstico, deu-se início ao sistema de controle, estimulado pelas estruturas cerebrais, sobretudo a mais primitiva na qual se aloja o medo, a fim de melhor salvaguardar as informações genéticas da espécie em constante perigo, dentre os quais, o da temível extinção. Ainda: não nos esqueçamos do próprio homem, perigosa criatura para os seus próprios, brilhantemente registrado nas afirmações do filósofo inglês do Século XVII, Thomas Hobbes: “o homem é o lobo do homem”, levando à exigência da criação de um estado controlador e protetor.

Ressalte-se que uma antiga artimanha de sobrevivência foi ir além do instinto de agrupamento (tão ricamente percebido na natureza), e, com o tempo, estreitar os laços de convivência através de encontros entre vários clãs nômades existentes, qual se mostra através das evidências encontradas no acampamento paleolítico de Doni Vestonice, na República Checa, cuja troca de objetos variados (e informações) atestam-lhe as distâncias geográficas de seus visitantes europeus.

Em momento posterior, outra manobra foi a construção de casas neolíticas, e tanto Çatal Hüyük (cidade com 5 mil habitantes aproximadamente) quanto Jericó datam inequivocamente a antiguidade de tal intenção cuja estratégia mostrava-se

crescentemente mirando uma melhor sobrevivência. O sedentarismo fincou os pés por meio da agricultura e da criação de animais, provando que o modelo de convivência podia dar certo. Mas o seu preço logo foi estabelecido, pois ossadas de parentes (um tipo de escritura definitiva) enterrados no meio das residências de 24 metros quadrados ao sul da Turquia revelaram que já se valorizava a propriedade privada em demasia, ao ponto de escravizar muitas mulheres (ossos bem desgastados da articulação dos dedos dos seus pés em razão de sua postura laboral ao ter de moer os grãos das colheitas, coisa não encontrada nos pés masculinos), garantindo que se reduzissem as chances de elas se envolverem com outros homens e resultar no nascimento e na criação de potenciais filhos extraconjugais, protegendo, pois, a valiosa herança em questão: o imóvel.

E, na sequência, o modelo de civilização que, ao que tudo indica, começou na Suméria, cujas tábuas de argila (perto de 24 mil delas) encontradas na biblioteca babilônica de Nínive (ou de Assurbanipal), expõem documentalmente a presença de escolas, padrões de ensino e ações corretivas correspondentes, medicina, matemática, arquitetura sofisticada (Zigurates, templos que ainda impressionam ao leigo e ao profissional da área de construção), sistema de classes e leis. Basicamente, é a referência adotada até os dias atuais. Segurança é o lema constante.

E se focalizássemos, em menor escala, a apreciação sobre o indivíduo, não encontraríamos o mesmo sistema funcionando ante as pressões que recebe desde a sua infância? O sistema não reside dentro da unidade que compõe o conjunto social, e não foi exatamente a partir de tal recurso particular que se estabeleceu a proteção em níveis grupais, revelando uma só necessidade de segurança no mosaico formada pela espécie? Não criamos defesas (fantasias que atenuam o mal-estar que se instala, fugas e negações

a fim de evitar certos confrontos que nos incomodam emocionalmente) sem perceber que assim o fizemos em prol de nossa sobrevivência?

O uso de substâncias químicas (elas também existem em nosso organismo), apesar de seus danos, não tem por objetivo confundir a pesada realidade na tentativa de mantê-la distante, qual a descrição de Freud: "Devemos a tais veículos [intoxicantes] não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações', é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade...", observando-se o prazer e o desprazer como fatores altamente influenciadores.

É, pois, mais do que provado o triunfo da sobrevivência obtido ao custo de sangue, suor e lágrimas, e então foi possível chegarmos até ao ponto em que nos encontramos, que, se não se mostra ideal, é no mínimo louvável, porque foi o que nos garantiu a passagem pelo estreito e perigoso corredor do ambiente que nos cerca.

O preço do sistema protetor

Mas Ordo, como qualquer outro sistema, tem o seu preço, e é sobre tal custo que nos debruçaremos doravante, procurando entender até que ponto ganhamos com mais segurança por um lado, e, sem perceber, perdemos, pouco a pouco, na outra margem, um bem precioso: a liberdade. Não vimos que nos escapava por entre os dedos imenso tesouro como pagamento da dívida contraída ao selar o contrato que estabeleceu o sistema protetor.

Hoje, depois de decorrido considerável tempo desde a criação do pacto de sobrevivência, sentimo-nos (sem perceber com clareza) profundamente sufocados pelos juros e correção originados do débito adquirido. A impressão que se tem é a de que fomos devorados pelo

monstruoso controle que fugiu ao próprio controle do sistema. Um servo que se tornou senhor. Um tirano, propriamente dito.

Mas uma coisa deve ser considerada: tal descontrole não advém de nós mesmos, que, acomodados a um relativo mas significativo nível de segurança, não levantamos o véu da inconsciência e observamos claramente o que criamos, a fim de dar novo rumo, menos caro e mais eficiente? Pois, do contrário, não seremos obrigados a rever a questão na urgência que exige atropelos e novas decisões que nem sempre atingem a causa, ou melhor dizendo, levando-nos vindouramente, de forma desesperada, a apagar o fogo dos sintomas por longos períodos não previstos por um adequado diagnóstico e seu conseqüente tratamento?

Ordo é um sistema poderoso, e está presente em aspectos cruciais da sociedade: economia (desde seus antigos modelos de troca, elaborado comércio, produção e serviços, baseados ora na atuação autorreguladora do mercado de consumo, ora contando com o intervencionismo político, cuja tentativa é sempre a de levar o homem a trocar a amarga instabilidade pela convidativa e adocicada segurança, estimulado pelo desafio e a vontade), política (leis de regulação e proteção social, centralização e direcionamento do dinheiro captado através dos impostos, relações diplomáticas, decisões militares de conquista e, com ênfase, de defesa) e religião (o surgimento da fé primitiva, superstições e a adoração aos deuses, e seus fins relacionados à proteção e sobrevivência, da sorte que rondava através dos riscos pré-históricos até a atual e elaborada instituição religiosa, com dogmas e documentos variados com objetivos próprios dirigidos aos seus fiéis), estabelecendo os limites do jogo da convivência por meio das normas e regras.

Oficialmente dizendo, das leis que regulam o que é permitido e o que não é, incluindo, a propósito, a mecanicidade observada nos

comportamentos padronizados e limitantes de obediência, quais os posicionamentos de fila de espera nos muitos ambientes que assim o demandam; os constantes avanço e interrupção de fluxo dos veículos no trânsito; sexo em momentos e lugares pré-determinados; o cumprimento de horários (por anos), a carga de trabalho requerida pelas organizações; a frequência escolar; as rotinas relacionadas a dormir, comer, beber (há dias certos para a ingestão de álcool!), dentre muitíssimos outros.

Em suma, o que se vê é uma imensa repetição comportamental inconsciente baseada no sistema controlador de proteção. 'É assim mesmo', diz-se para justificar o parcialmente justificável. Tudo em nome da importante proteção egoísta existente na combinação de certos genes e o ambiente da espécie. Mas, não é devido pensar também sobre as influências contemporâneas de criação de medo através da concentração permanente de informações perigosas bombardeadas pela mídia, cujo interesse é atrair a atenção dos tantos telespectadores possíveis? As ameaças podem ser tanto reais quanto imaginárias, conforme já experimentamos em várias oportunidades.

O egoísmo, muitíssimo mal compreendido, tem o seu fundamental papel, pois ele sempre serviu como mola impulsadora de defesa e sobrevivência. Sem ele não resistiríamos às dificuldades. Com ele, superamos obstáculos e sobrevivemos, transmitindo às gerações vindouras as preciosas informações genéticas. Portanto, não se trata de gostar de seu conceito (distorcido ou até bem compreendido), pois o genoma carrega as ordens de adaptação e longevidade desde os primórdios. Não diz respeito a uma interpretação aceitável socialmente, mas de uma exigência biológica.

Porém, nem só de egoísmo viverá o homem, haja vista o santo remédio poder se tornar um veneno caso ele não seja dosado, e

mesclado à outra prescrição fundamental: o altruísmo. Assim, o que é do egoísmo lhe compete tão somente, e o altruísmo (a ajuda mútua, a troca), por sua vez, tem cadeira cativa no teatro da vida. Evidentemente, o egoísmo ainda se impõe ao altruísmo conforme é possível verificar através da convivência, fazendo evidenciar a longa estrada que se tem à frente para modificar tal cenário ainda carente de consciência sobre o que nos favorece de verdade e o que nos atrasa pesadamente.

As falhas do sistema

Eis outro ponto essencial à compreensão, há os furos em meio ao conjunto de ações obedientes: furar as filas, avançar em sinal vermelho, chegar constantemente atrasado no serviço, tomar bebidas embriagantes em qualquer hora, dia ou lugar, se drogar, agredir, mentir... Demonstramos a nossa insatisfação diante de pressões e incompetências provindas do desprazeroso sistema protetor. As transgressões são um tipo de comunicação (ainda que inconsciente) de nossa parte, misturadas, em graus que variam, à indolência e ao jogo de ludibriar (somos programados pela natureza com tal dispositivo de sobrevivência). Não são elas válvulas de escape também?

Em maior escala, guerras são travadas em nome da sobrevivência há muito tempo: defenda-se ou morra! É claro que a complexidade envolvida nos eventos bélicos contempla também cobiça, autoengano e psicopatologias (e rica fluidez de testosterona), mas o seu fundo é o medo que se assenta na ignorância que ainda predomina no atual estágio evolutivo. Se temo que me ataquem, avanço antes, ou revido diante do primeiro passo dado pelo "inimigo". O autoengano é entorpecedor ao ponto de levar cada lado de uma batalha a crer que por detrás da linha opositora há seres repugnantes, e que merecem morrer. Pessoas inferiores, afirmam

tantos soldados em diferentes entrevistas ao redor do mundo. É o único modo de “encorajar” alguém a ferir, e a matar outrem, do contrário, tudo fica mais difícil, embora as doenças mentais acompanhem boa parte das tropas em seu retorno para casa. O psiquismo pode ser enganado até um ponto, dali por diante...

Propaganda enganosa também tem o seu papel de destaque por parte de lideranças e da mídia (já se usava tal estratégia na antiguidade, a exemplo de Júlio Cesar e legiões romanas que exterminaram milhares de celtas, cheios de ouro, sob a justificativa de barbarismo e falta de submissão ao império, mas que, verificado à luz da pesquisa séria, constatou-se que muitos deles eram organizados, e, destaque-se, respeitavam a opinião feminina em seu meio, diferentemente do inimigo “civilizado” que tinha a mulher em inferior plano) que pintam o lado de lá com pesadas cores a fim de estimular o ódio cego, capaz de motivar vigorosamente o ataque.

Obviamente que tais rebeldias (os comportamentos que agredem à ordem estabelecida) são uma ameaça à continuidade do sistema de proteção, mas o próprio sistema se tornou uma ameaça maior ao progresso integral do ser humano ao ter-lhe engessado. E o que chama a atenção é o fato de que presos (ou reféns) ao sistema de proteção, não percebemos que o nosso desenvolvimento está bem comprometido, pois agimos limitadamente, atendendo, grosso modo, quase que somente a necessidade de proteção (e as comodidades nela circunscritas), tristemente em detrimento da evolução intelectual, apoiada pela reflexão e o pensamento crítico.

Mais: no fundo, se pensar bem, não somos tão avançados e modernos como teimamos em achar com base na tecnologia alcançada (é uma boa dose de autoengano), pois poucos são os que verdadeiramente inventam algo, e a maioria é apenas um punhado de usuários que, empobrecidamente, subutiliza os muitos recursos

disponíveis nos equipamentos que adquire, por exemplo. Tentamos ver em nós o que outros poucos foram capazes de realizar.

Corremos de um lado para o outro, dia e noite, atrás de nos mantermos seguros e comodamente confortáveis. Buscamos o dinheiro através do trabalho (e a ele nos fixamos avidamente para não perdermos a fonte que sustenta os sonhos, e assim nos prendemos à roda repetitiva da eterna manutenção), a fim de comprarmos as fantasias que criamos em nossas mentes, com a ajuda da mídia. Todavia, à luz da razão, considerável parte de tais itens desejados não são essencialmente necessários.

O acúmulo excessivo de bens e poder, além da manutenção a qualquer preço (há casos exorbitantes de pessoas e grupos que vivem em razão de se manterem no status de segurança em que se encontram, se não almejam mais, é claro, fazendo qualquer coisa em nome de tal condição, inclusive usar do conhecimento acerca dos medos humanos para atingir certo resultado manipulador que pode estar maquiado de proteção) é claramente uma demonstração desesperada (e reconhecidamente inteligente também) de se defender. Não obstante, dessa forma, é fruto de uma condição psicopatológica.

Mas as motivações, notadamente inconscientes, estão enraizadas no cérebro primitivo, que, por mais que já tenham se banhado na especial camada do neocórtex (a porção lógica, de planejamento e avaliação), ainda patina no gelatinoso solo das emoções primevas do medo. Vivemos com a cabeça na vaidade futurista e com os pés no atrasado solo das necessidades primitivas.

Questões reflexivas acerca do sistema

Porquanto resta perguntar: e a busca pelo avanço de maior inteligência, inclusive a capacidade de encontrar novas saídas ao aprisionamento que sequer enxergamos por ora, julgando-nos livres

para fazer o que pretendemos? Não somos condenados à cegueira e ao cárcere por conta da própria crença na pretensa sabedoria? Perdemos tempo com o nosso "consentimento"? Ainda que de forma inconsciente, não é o cachorro correndo atrás do próprio rabo?

Não nos percebemos encarcerados pelas limitações alcançadas depois de longa jornada utilizando o Sistema Ordo, o qual requer superação mais do que imediata? Por que não desconfiamos dos nossos comportamentos repetitivos e enquadrados que nos causam desconforto em alguns casos, e profunda tristeza noutros? Já não ocorreu a dúvida de que somos reféns do sistema por nós criado? Então não é hora de analisar seriamente tal sistema?

Parece que foi ontem

Embora se possa alegar que dez mil anos se situem longinquamente no calendário, e que são necessárias muitas gerações de pessoas para cumprir tal período, as maneiras de se viver primitiva e contemporânea demonstram relativizar o tempo a cada análise que se faz acerca de como vivemos em sociedade ontem e hoje. Ao comparar como os nossos antepassados neolíticos se estabeleceram nas primeiras cidades criadas no planeta com a nossa atual forma de se relacionar socialmente, é possível encontrar lá atrás os vestígios das sementes que até hoje dão frutos com o mesmíssimo sabor, alguns adocicados, outros...

A arqueologia revelou há certo tempo a cidade de Çatal Hüyük, situada ao sul da Turquia, na qual conviveram cerca de seis mil pessoas, em 8.000 a.C., em casas de formato retangular, feitas de tijolos crus, com acesso por um andar superior e através de escadas, pois não havia qualquer rua que as interligasse. Andava-se sobre elas para ir e vir. A sua distribuição interna, conforme as evidências apontam, indica lugar específico para o uso comum, qual uma lareira, e ornamentos de parede (chifre de touro) e estatuetas femininas decoravam os 24 metros quadrados de construção existentes em média. Conseguiu-se, inclusive, recriar um mapa local com as muitas residências, a partir do desenho original encontrado cravado em pedra -- é o primeiro mapa de que se tem conhecimento.



Porém, chama a atenção outros tipos de evidências trazidas à luz no sítio arqueológico turco, tais como restos de cereais, pilões de pedra e cerâmica. A produção alimentícia, através do plantio, da colheita, do processamento e da estocagem ganhava vulto após ter-se deixado para trás o ancestral hábito da caça e da coleta. E, em meio a tais achados, constatou-se a presença de ossos de pés femininos bem desgastados nas juntas em razão da forçosa posição de moagem -- fato este não evidenciado nos ossos dos pés masculinos, que, diferentemente, indicaram desgaste na região da rótula, levantando a suspeita de que os homens permaneciam sentados por longos períodos. Lembrou de algo semelhante?

Então, consegue imaginar a vizinhança tão próxima se comunicando diariamente, contando sobre suas dores e amores, esperanças e frustrações, raiva e alegria, a respeito das amenidades relacionadas aos trabalhos típicos da lavoura e da lida com os animais, o relacionamento conjugal e a criação dos filhos, os quais deviam ser muito importantes haja vista emergir a necessidade de mão de obra com o crescimento da produção local? Percebe o provável disse-me-disse cotidiano ali presente com tanta gente convivendo em casas tão próximas umas das outras, com ocupações similares, além das ideias diferentes que cada um devia ter em relação aos seus próprios direitos e deveres? Parece que foi ontem. Nem parece que faz tanto tempo assim desde o surgimento deste

primeiro modelo de convívio na primitiva cidade de Çatal Hüyük e a maneira de se relacionar dos tempos atuais.

Salto evolutivo

Após anos de intensa pesquisa, a ciência conseguiu se aproximar, em considerável grau, da realidade acerca da origem do ser humano. Empregando métodos e análises, alguns pesquisadores ao redor do mundo, a sua maioria amparada por universidades e institutos de reconhecida seriedade e tradicionalismo investigativo, conseguiram aproximar o homem pré-histórico do atual.

Basicamente, com o uso do teste "Carbono-14" (C-14), foi possível datar uma série de ossos antigos, em destaque, as evidências do Homem de Neandertal e do Cro-magnon - notadamente entre 40.000 e 30.000 anos atrás. Por outro lado, com a utilização dos exames de DNA, foram comparadas amostras dos homens pré-históricos e contemporâneos. Resultado: descobriu-se que o Neandertal extinguiu-se provavelmente há 30.000 anos, e o Cro-magnon resistiu, aperfeiçoando-se com o passar do tempo, até chegar à contemporaneidade. Ou seja, de acordo com as análises das informações genéticas, somos os herdeiros do antigo Homo sapiens ou Cro-magnon. Mais: achados em terras alemãs, tais como escultura de mamute e corpo feminino, além de flauta e calendário lunar (serviu para identificar hábitos migratórios de certas caças), atestam a significativa capacidade simbólica e de expressão e planejamento presentes nos ditos "selvagens" pré-históricos.

Há, no entanto, complicações que orbitam ao redor da questão, relacionadas a não aceitação dos fatos que, aos poucos, confirmam a Teoria da Evolução, estabelecida por Charles Darwin, cuja publicação do livro "A evolução das espécies" deu-se em 1859. Tal oposição não se baseia em evidências e tampouco se pauta por qualquer linha de raciocínio. Ela se dá tão somente no campo da especulação,

mormente banhada em tons emocionais alterados, permitindo, assim, apenas a emissão de ideias órfãs de embasamento e a completa surdez contra qualquer parecer lógico que tente expor argumentação. Aliás, por se tratar de uma oposição surda e também cega, sequer tais oponentes ouvem e leem a respeito do assunto. Eles se apegam ao senso comum (irresponsavelmente despreparado) ditado pela imprudente intolerância dos seus pares. E ao redor de uma “missão acima de qualquer lógica”, atiram-se impiedosos e cheios de raiva às discussões que normalmente eles próprios iniciam diante de qualquer notícia que lhes chegue, seja através de um noticiário ou de um infeliz comentário. Ressalve-se, porém, que existem pessoas mais ponderadas e de consistente formação acadêmica que se reúnem a fim de analisar a melhor maneira de combater a tempestuosa teoria darwiniana. É o caso da “Teoria do Design Inteligente”, concebida na Universidade da Califórnia, em 1993, através da coordenação do Professor Phillip Johnson. Mas é possível contar nos dedos quem se compromete com a seriedade da análise, haja vista a maioria se aventurar descabidamente a lançar-se contra o evolucionismo darwiniano sem ter noção daquilo para o que se arrisca criticar. A propósito, vale a pena perguntar: curiosamente, não nos é comum perceber a expressão da raiva em situações socialmente aceitáveis, cujo grupo comum permite que tais desabafos (muitos ocorrem através de vociferações tipicamente animais) preencham o ambiente das acusações aqui avaliadas? Eis a contradição, aquele que se opõe à sua própria origem animalizada, age qual um selvagem descontrolado apenas por não aceitar uma ideia.

A questão, infelizmente, não se limita a oposição feita à Teoria da Evolução. Pouco se perderia com a longa e exaustiva briga que se trava desde o surgimento de tal proposição polêmica. No entanto, ao não se analisar o arsenal de evidências e rejeitar as reflexões correspondentes, o homem continua se achando mais do que é de

fato, um ser especial acima de qualquer suspeita. A perda é enorme. Ele não se incomoda com o seu atrasado estágio na escala da evolução e, conseqüentemente, se acomoda, dificultando o seu próprio desenvolvimento. Autoilusão?

O que lhe garante o falso status da posição privilegiada e a sensação de grandeza é o autoengano, defesa psíquica (ricamente estudada por alguns autores de outras épocas e de hoje, incluindo-se instituições de peso no meio acadêmico) que gera incontáveis ilusões com a finalidade de aplacar o mal-estar causado pela realidade. Não se trata de uma mentira contada para si mesmo, pois que seria impossível sustentá-la á luz da própria consciência, mas de uma verdade inventada, pedaço a pedaço, pouco a pouco, convincente e conveniente, sobre a qual é possível construir outras ideias e prosseguir a penosa jornada da sobrevivência.

Logo, convencido que fica com a invenção gerada por sua fértil imaginação, e com o convidativo bem-estar que lhe acompanha, defende-a fervorosamente, qual um advogado que faz de tudo para convencer os outros da sua veracidade, sem perceber que tenta, na verdade, convencer-se por meio de repetidas exposições. Alguém que descreva um dado evento, por exemplo, e, com o tempo acrescenta novas informações ao relato, sem se dar conta do enxerto imaginativo presente nas suas palavras, passa a acreditar no resultado alterado e o apresenta de modo convincente, pois não pode titubear diante do mais astuto embrulhão, o autoengano, que leva o seu autor à crença de que é tudo quanto se acha ser, e, por outro lado, que não é o que de fato é por se desagradar profundamente a respeito. Evita-se o sofrimento de ter de perceber-se tão menos quanto se é de verdade. Porém não faz evitar a aflição causada pelo atraso que teima em patinar na estrada evolutiva. Foge-se ao mal-estar imposto pela realidade, mas não se escapa à verdade dos

gritantes resultados que evidenciam os níveis do próprio desenvolvimento. Duvida? Olhe-se a si mesmo e ao seu redor!

Assim sendo, ao negar os aspectos mais evidentes da suas próprias características animais, o homem trai a si mesmo ao mascarar autoenganadamente a realidade que deveria ser ponto de partida, ainda que doloroso, para novas e maiores distâncias na jornada da evolução. Acomoda-se satisfeito com a falsa percepção de que alcançou elevada estatura. Perde a chance de dar saltos evolutivos sem par. Tropeça na própria perna da infantilidade, consumido pelo medo e pela falta de consciência a seu próprio respeito. Uma verdadeira riqueza enterrada sob o solo da ignorância pessoal se perde sem qualquer cerimônia. Somente o incômodo causado pela realidade é capaz de provocar transformações a altura de grandes feitos. Cito uma frase, desconhecendo o seu autor, capaz de estimular a ponderação aqui pretendida: "Observa-te a ti mesmo como faria teu pior inimigo, e tornar-te-ás teu melhor amigo."

A teoria evolucionista não é matéria de disputas pueris, mas um conjunto de ideias que podem provocar reflexões naquele que pretende ultrapassar a barreira autoimposta pela falta de visão, modificando-se favoravelmente, e, finalmente, superando-se.

Além das suposições pré-históricas

O achado pré-histórico encontrado há alguns anos, um mamute de 3,7 cm de comprimento, pesando 7,5 gramas, esculpido em marfim, guardado na Universidade de Tübingen (Alemanha), acesso: www.uni-tuebingen.de/uni/qvo/highlights/h54-eiszeit.html, datado de 35.000 anos, pode promover reflexão e compreensão acerca dos nossos antepassados, e também revelar o quanto ainda nos aproximamos deles mesmo depois de vasto tempo na escalada evolutiva.



Foto - Fonte: (Jensen/Lingnau, Abteilung Ältere Urgeschichte, Universität Tübingen)

Chama a atenção cada detalhe do feitio do animal, fazendo levantar hipóteses de certas capacidades presentes nos humanos que habitaram o planeta há considerável tempo. Contrariamente ao que se pregou até então, percebe-se refinada habilidade laboral no dito "selvagem" pré-histórico. Tal Homo sapiens, além de sobreviver

caçando e coletando, procriando e descobrindo novas formas de prosseguir na sua jornada, dedicava-se, ao que tudo indica, à produção tecnológica e artística, incluindo-se a escultura – descobriu-se também pintura e música. Ou seja, gerava-se naquela época longínqua, cultura com significativo nível de qualidade.

A breve análise do mamute de Tübingen faz emergir as seguintes observações: (1) O seu artesão possuía, primeiramente, a capacidade simbólica de representação dos registros cotidianos armazenados na memória, levando-o a reproduzir, através da escultura, o enorme animal que lhe era comum à época em que produziu a obra. Percebe-se, ainda, a utilização de técnicas no feitio da escultura: (2) Nota-se proporcionalidade em relação à referência (o mamute biológico) e a escultura, haja vista os estudos atuais demonstrarem o formato de tal animal a partir das ossadas encontradas em algumas regiões do globo terrestre. (3) A tromba é esculpida rente à parte frontal do mamute, e encerra-se em contato direto à perna, facilitando o trabalho, pois o entalhe que faz separar um membro do outro é simples, além de eficiente na conservação do produto encontrado intacto. (4) Há linhas que contornam o animal esculpido, dando-lhe a perspectiva de articulação e mobilidade de acordo com a realidade da própria referência registrada e reproduzida pelo artista em questão. (5) Evidencia-se certo refinamento e compreensão técnica acerca dos instrumentos empregados no feitio, possíveis ferramentas de pedra, conforme sugerem os estudiosos. Não obstante, acrescenta-se o fato de que na produção de esculturas, quando pequenas como é o caso, as ferramentas devem ser igualmente delicadas, pois, do contrário, dificilmente se chegaria ao resultado que se alcançou.

Porquanto, a partir dos itens apreciados, é possível inferir que o nosso ancestral era dotado de capacidades intelectuais presentes na contemporaneidade do século 21, as quais apresentam qualidades

relacionadas à inteligência cinestésica, através da coordenação motora fina; ao refinamento resultante do uso de ferramentas delicadas e proporcionais ao tamanho da escultura e conhecimento técnico que o ajudou a produzir, com economia da atividade artesanal, os entalhes típicos, além de proporcionar maior segurança à conservação, a qual fez chegar tal arte aos dias atuais, depois de 35.000 anos da sua produção.

Parece-nos que o ontem e o hoje se aproximaram demasiadamente. A mão pré-histórica pôde nos tocar sutilmente por meio da pequena análise da escultura do mamute encontrado na Alemanha. Desta forma, vale perguntar: O passado está tão longe do quanto imaginávamos? Mais: O que o futuro ainda nos promete?

Vamos rever o tema agressão?

Antes mesmo de apontar vítimas e culpados sobre o caso australiano *Zangief Kid*, o qual envolveu diretamente duas crianças em atos agressivos e violentos, é fundamental que se estabeleça oportunamente a reflexão que permita analisar honestamente, e com maior alcance, alguns aspectos presentes na agressividade existente no ser humano, o *Homo sapiens* modernizado, mas em formação social que requer mais avanços evolutivos apesar do que já conquistou até então.

Para tanto, vale a pena recorrer aos estudos realizados nas últimas décadas, os quais apontam o homem como um ser ainda dotado de estruturas cerebrais primitivas cujas funções estão relacionadas à sua sobrevivência. Ou seja, quer se goste ou não, não somos o "bom selvagem" poetizado por Jean-Jacques Rousseau no Século XVIII, vítima apenas da sociedade que corrompe sem qualquer escrúpulo. A nossa natureza nos predispõe ao desencadeamento de comportamentos variados agressivos, por vezes impensados, diante de uma combinação de fatores. Não somos meramente bichos descontrolados, é claro que não. Apenas não se pode defender a tese de que somos anjos mal resolvidos. Tampouco se defende aqui a permissividade da agressão natural apenas pela compreensão inevitável de que as informações genéticas milenares estão entranhadas em nós em tom determinista.

O psicólogo evolucionista estadunidense Steven Pinker, por exemplo, vem estudando a violência humana há considerável tempo e alega que a maior dificuldade de compreensão a seu respeito é que há significativa resistência por trás das muitas trincheiras sociais cuja crença no homem puramente bom, porém desvirtuado na sua

trajetória natural, impede que se pense de modo mais crítico, levando o mito ao seu infeliz fortalecimento. Assim, emplaca-se continuamente a ideia de que as causas da violência a serem combatidas encerram-se apenas nos sistemas sociais e nos projetos de educação, sentenciando, pois, a crucificação de muitos pais (vários são exemplarmente bons!) em relação aos seus filhos. É evidente que o sistema inadequado contribui ao desencadear certas informações contidas nos genes. Somem-se à receita os disparos fisiológicos decorrentes e o impulso agressivo emerge em vários formatos. Mas eis que o DNA se mostra qual um importante protagonista na novela da convivência que ainda requer altruísmo e bom senso.

Ainda, acrescenta-se o fato de estarmos experimentando transformações individuais e coletivas cada vez mais rapidamente frente aos avanços tecnológicos, enxurradas de informações e aumento populacional de quase 7 bilhões de habitantes ao redor do globo competindo por uma vaga de trabalho, sem falar nos que disputam por itens básicos como água e comida cotidianamente, uma perigosa combinação que pode levar a inaptações, resistências e toda sorte de efeitos que variam enormemente. Não há uma resposta pronta, existem ponderações a respeito (fontes científicas oferecem mais sustentação e minimizam a margem de erro).

Então, sem atirar a pedra da pretensa "justiça" no garoto Richard Gale, nem depositar a capa do heroísmo no jovem Casey Heynes, as intervenções sociais deveriam repensar a forma de controle contra tais abusos de forma objetiva e eficaz, é óbvio. E por outro lado, valendo-se do poder da educação, muitas escolas poderiam direcionar aos seus alunos o conhecimento acerca da sua real natureza, na tentativa de estimulá-los à reflexão da própria condição em que se encontram (reduzindo o autoengano a respeito da santidade terrena), ponto de partida para mudanças internas

fundamentais, capazes de, um tanto que seja, acompanhar outras conquistas obtidas.

A saga do Homo sapiens

O que ainda nos falta para compreender o quanto se perde ao evitar a autoavaliação e, ao encararmos-nos no espelho da verdade, assumirmos uma nova e promissora postura de autossuperação? Por que é tão difícil convencer a si mesmo de que se é tão atrasado em relação ao desenvolvimento humano, mantendo-se preso ao autoengano que alimenta o jogo ditado pela exorbitante vaidade e a danosa acomodação? Quem, em sã consciência, deixaria de dar os passos rumo ao autodomínio, alcançando mais visão, autonomia e liberdade, se soubesse que é fruto de um passado que pouco difere do presente – somos presas do inconsciente e da exagerada bestialidade biológica que há tempos serve para a própria sobrevivência -, o qual pode, se não houver a devida intervenção, repetir-se no futuro, como tem ocorrido incessantemente, com exceção dos avanços tecnológicos, que, se refletido adequada e seriamente, compreender-se-á que têm servido, grosso modo, para gerar conforto e infantil disputa por hora? Uma fuga diante de outra luta ainda mais difícil?

Para tanto, se é importante analisar com profundidade a questão, devemos recuar no tempo e caminharmos até o ponto em que nos encontramos, para então reavaliarmos o que se pode fazer em favor de um porvir bem mais interessante. Você sabia que já se obteve compreensões acerca de quem foram os nossos ancestrais e como eles provavelmente viveram? Resumidamente, somos herdeiros do homem de Cro-magnon, de acordo com parte das ossadas e objetos datados em 35.000 anos atrás por meio do teste denominado Carbono-14, e, cuja comparação conosco, deu-se através dos exames de DNA. Tais antepassados, além da sobrevivência, ocuparam-se com

a produção de esculturas (algumas guardadas na Universidade de Tübingen, na Alemanha, a exemplo do mamute, do corpo de mulher, da ave voadora e do leão sentado), de instrumentos musicais (flautas) e do planejamento de caça com o uso de artigo relacionado (calendário lunar).

Assim, comprovou-se que havia inteligência e habilidades variadas, além da sensibilidade, nos ditos “selvagens” pré-históricos. Vale a pena perguntar: então, essencialmente, tanto na longínqua época dos comprovados ancestrais quanto na atualidade, o homem possui características fundamentais semelhantes? É claro que houve avanços, mas também ocorreu muita brutalidade na era da civilização, exemplificada no escravismo histórico e nas barbáries ainda presentes. Será que evoluímos tanto quanto se acredita? Ou assim o cremos para dar alívio à dor que certamente se instalará assim que tomarmos a legítima consciência acerca do assunto? Mas não é justamente por causa do abençoado mal-estar que se pode gerar movimento e sair da acomodação que só emperra o desenvolvimento? Por que permanecemos encolhidos no cantinho das situações cômodas se é através do incômodo que se sai do lugar e alcança-se nova posição evolutiva?

Tal apreciação da trajetória humana pode nos posicionar frente ao autoengano de negar o grau de atraso ao qual ainda nos encontramos reféns. Porquanto, a cegueira de não perceber-se devidamente, a autoilusão que minimiza o sofrimento causado pelos fatos, a tentadora acomodação e os perigosos reforços sociais ecoados com estrondo, tais como: “É assim mesmo...” e “Não tem jeito...”, levam o Homo sapiens a reduzir (e muito!) a sua marcha evolutiva, perdendo valiosas oportunidades que lhe escapa inocente e inconsequentemente. Que tal pensar de forma profunda e frequente a respeito, para se experimentar um novo e mais estimulante mundo à disposição? Mas, destaque-se, a decisão é íntima. Ninguém pode

tomá-la por outrem. Eis a questão: Ser ou não ser mais do que se ousou imaginar-se um dia?

Dois caminhos e um só destino

A natureza nos favoreceu com várias informações genéticas; destacam-se duas: sobrevivência e adaptação ao custo do egoísmo e convivência altruísta. A primeira já se evidenciou mais claramente desde os estudos evolucionários de Charles Darwin. A segunda, contudo, começa a despontar recentemente através dos trabalhos realizados na Universidade Harvard, pelas mãos do biólogo evolucionário Marc Hauser, cuja publicação recebeu o nome de “Mentes Morais” – o cérebro possui um mecanismo geneticamente determinado para adquirir regras morais. Portanto, estamos diante de dois extremos severos que geram conflito em grossa parte do tempo de incontável número de pessoas. Por que coexistem dentro de nós duas informações de peso que se chocam tão intensamente, podendo causar, em última análise, alguns distúrbios mentais. Um desatino desnecessário aparentemente.

Para que o ser humano pudesse sobreviver constou-se em seu DNA o vale-tudo da sobrevivência e do aperfeiçoamento, levando-o a se modificar e alcançar aptidão necessária à seleção natural. Do contrário, ele (e qualquer projeto de descendência) já se encontraria extinto. Por sorte, a inteligente e instintiva informação genética é superior à nossa capacidade de raciocinar, sobrepondo-se à ingenuidade e passividade que inevitavelmente já teriam nos apagado do livro da vida. Há algo grandioso e imperceptível nesta sábia arquitetura, não acha? Mesmo Darwin concordou à sua maneira, ao descrever: “Não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus.”

Por outro lado, a programação genética que deve facilitar a aquisição e a aceitação psicológica das regras para o adequado convívio social e o conseqüente desenvolvimento do altruísmo, incide sobre o lado sobrevivência-a-qualquer-custo (e vice-versa), controlando parte da sua potência, a princípio perigosa caso nada lhe detenha, sem, no entanto, lhe enfraquecer em demasia naquilo para o que foi previamente determinada. Novamente nos deparamos com a providencial sabedoria invisível, não é? Sem esse sentimento de preocupação alheia (ainda que lhe falte aperfeiçoamento na transição ego-mundo) também já teríamos nos extinguido.

Então, faltam-nos consciência e ajuste à frente, pois se trata de uma enorme jornada acerca do desenvolvimento humano. Por tal razão, dispomos das essenciais informações genéticas que tanto nos estimulam ao movimento, ora conflitante, ora evolutivo. Dois caminhos e um só destino. Sobrevivência e altruísmo opondo-se, regulando-se e, finalmente, gerando o terceiro e vital elemento: a evolução.

A superação do Homo sapiens

O homem possui uma imensa dívida consigo mesmo. Trata-se da superação do autoengano, elemento de defesa psíquica que atua em seu socorro cada vez que a verdade se impõe dolorosa. O autoengano provavelmente surgiu nos primórdios do uso do raciocínio, quando o ser humano passou a se perceber sob a luz da razão. Ele precisou defender-se do mal-estar que lhe invadiu impiedosa e esmagadoramente, acerca das imposições que a vida lhe sobrepôs, desenvolvendo, assim, o jogo da autoilusão; exercitado e aperfeiçoado desde então, chegou à contemporaneidade.

Todavia, ascender ao degrau evolutivo de tal superação requer o rompimento com a etapa infantil na qual grossa parte das pessoas ainda se encontra inconscientemente envolvida, atingindo novo e vital estágio de maturidade. Para tanto, uma importante providência a ser tomada é parar de apontar o dedo da culpa para o lado de fora de si e entender definitivamente que há uma responsabilidade pessoal a se assumir integralmente frente às consequências causadas. O medo exagerado é a emoção sem freio que pode fazer descontrolar o projeto de amadurecimento. Porém, se houver compreensão suficiente acerca dos ganhos advindos da própria evolução, abrandam-se o temor naturalmente a partir da perspectiva de que o crescimento assusta e gera dor, mas, invariavelmente será superior ao estado de ignorância que a tudo subjuga e faz retardar o potencial avanço em nós existente.

Não se pode eliminar, contudo, a autoilusão; dispositivo criado pela sábia natureza. Não se descarta facilmente uma informação genética tão primitiva sem oferecer algo melhor em seu lugar, pois o que importa é a aptidão para a adequada continuidade da espécie. O

que se pode fazer é reduzir-lhe a potência através da tomada de consciência a seu respeito, minando em graus significativos o seu alcance, penetração e sobretudo o controle sobre os pensamentos e emoções, cuja submissão encarcera o ser humano, levando-o a ficar refém inconsciente de si mesmo.

O homem crê inocentemente que consegue se autocompreender baseando-se tão somente no nível de percepção que atingiu. Um erro a ser corrigido. Mesmo depois de milênios de evolução, considerando-se o nosso ancestral, o homem de Cro-magnon, originado entre 90.000 e 40.000 anos atrás, e o uso cada vez maior da nova camada cerebral, o neocórtex, pouco se avançou no terreno da consciência pessoal. Sabe-se hoje que há 35.000 anos existiam pinturas rupestres, especialmente em algumas cavernas da França, esculturas de animais (mamute) e de seres humanos (notadamente de mulheres), na Alemanha; instrumentos musicais de sopro; rituais espirituais relacionados à morte; estratégia de caça sugerida através da análise dos ossos bem mais preservados do que os do Homem de Neandertal à mesma época, o qual se agarrava às perigosas presas, causando traumas variados e, inclusive, a morte prematura – são evidências datadas pelo método Carbono-14 (C14). O homem atual se autoengana sentindo-se não apenas civilizado em relação aos “selvagens” que hoje figuram nos livros, mas qual um ser esperto que a tudo domina.

Infelizmente, como dominador o homem soube apenas conter o seu próximo, fazendo-lhe mal em graus que variam da simples retenção ao cruel sadismo e, em certos casos, agindo de modo psicopático por meio de comportamentos caracterizados pela frieza afetiva. Assim evidenciou-se, por exemplo, através de milhares de mortes de africanos que atravessaram o Atlântico rumo ao Novo Mundo – vários, se houvesse suspeição de doença, eram amarrados e jogados vivos às profundezas do mar -, entre 1700 e 1850, além dos

maus tratos permanentes que sofreram cada um (e seus descendentes) dos que sobreviveram. Foi justamente quando se deu a civilização que, através dos costumes, das leis e do amparo religioso que o homem passou a escravizar o homem. Mesopotâmia, China, Egito, Grécia, Roma, América Pré e Pós-colombiana deram a sua aula de escravização com tenebroso primor registrado inequivocamente pelas obscuras páginas da história. Outros registros macabros de dominação vicejam no século 20: os campos de concentração nazista e os seus 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial; a imposição comunista que esmagou, sem constrangimento, ao menos 60 milhões de pessoas que se opuseram ao regime, dentre tantos outros. Ressalte-se que cada época e local teve sua própria alegação para impor a escravidão ou seus ideais, mas o que se aprecia aqui, todavia, é o fenômeno comum da dominação perpetrado pelo homem.

Dominar a si mesmo, no entanto, faltou em demasia. O autodomínio é uma meta. Sabe-se que não é uma coisa simples de se empreender e lograr êxito, mas o primeiro passo leva ao segundo, que leva... Consciência, vontade e persistência devem dar as mãos e não se soltarem mais. Mas, muita acomodação e má vontade são percebidas em pleno século 21. O fato é que ainda se vê o ser rude esconder-se atrás da aparência social à espreita de uma oportunidade para mostrar as suas garras afiadas, seja através de uma tola desavença, seja por meio de uma discussão no trânsito com estranhos ou nas agressões entranhadas nas relações familiares entre marido e esposa e pais e filhos.

Na verdade, se for possível admitir, sem recorrer ao autoengano, mesmo sob a dor da torturante luz do reconhecimento, o bicho ainda está bem solto. Embora se use o polimento ao cumprimentar os outros e fazer média social para a manutenção do apreço de quem se tem especial interesse, o animal rudimentar com

organismo e DNA extremamente semelhantes aos de outros seres locais está presente no “civilizado” convívio cotidiano. Tanto na vizinhança quanto dentro de casa, a pré-história e a história coabitam. A autoilusão faz o seu jogo ao entorpecer as ideias do seu autor, alegando-lhe que os outros são atrasados, e ele, ao contrário, é tão somente uma vítima que se vê obrigada a se defender dos ataques violentos, usando para isso, de igual ou superior violência. Não se reflete, porém, que se é prisioneiro das informações genéticas e, portanto, por mais que se tente controlar o impulso animal (empregando-se imposição social e autoimposição), é, grosso modo, somente através da consciência a esse respeito que se pode evoluir e deixar para trás, gradativamente, o lado natural, grotesco e por vezes perigoso.

O entorpecimento psicológico turva a mente daquele que se acomoda e pouco luta em seu próprio favor, pois enquanto houver a crença de que os outros são os culpados pelo tipo de vida que se leva pouco se andar na direção do crescimento. Enquanto a responsabilidade não recair sobre si mesmo, a infantilidade permanecerá disfarçada de azar e infelicidade. Enquanto não se acreditar que é pelas próprias mãos que se abre o caminho da vida, nenhuma estrada poderá levar ninguém ao seu justo destino. Enquanto a fantasia se sobrepor a realidade de que a fé sem obras faz milagre, nem céu, nem terra poderão se mostrar verdadeira e legitimamente grandes. Não é à toa que se tornou famoso o grego Sócrates, que tanto cultivou a reflexão (conhece-te a ti mesmo) e a análise das equivocadas impressões que temos acerca de nós mesmos e das coisas ao nosso redor, fato este que o levou à sentença de morte (sob a acusação de corromper os jovens, desrespeitar os deuses e violar as leis) por maioria de votos dos quinhentos atenienses que o julgaram em 399 a.C.

Porquanto o grande objetivo no momento – excelente período de conturbações globais que propiciam a autorrevisão por meio da autoavaliação -, além de sobreviver, é virar o jogo e passar a dar as cartas. É a superação do homo sapiens, do salto que se pode dar ao invés de se manter nas passadas lentas e frustrantes tão comumente observadas. Da inconsciência acerca daquilo que se crê ser à consciência do que se é de fato. Do autoengano exagerado à noção mais realista sobre si mesmo. Da culpa alheia à responsabilidade pessoal. São atitudes essenciais, sem as quais se emperra o processo da transformação pessoal. Sem enxergar a ferida não procuramos a ajuda necessária. Aceitando-a com a devida clareza, porém, correremos em direção do auxílio.

Você quer mudar e se superar? Não é uma pergunta qualquer e pressupõe análise crítica, profunda, antes que se responda. O ponto central está no fato singular de que somente você pode se autorizar a autoavaliar-se, optando, por direito (quicá o dever), ao desenvolvimento em maior escala.

Homo entorpecidus

Desde que os nossos ancestrais pré-históricos iniciaram o desenvolvimento do neocórtex, ou camada de massa cinzenta cerebral mais recente, cuja função diz respeito ao uso da razão, muita coisa mudou – já existiam outras estruturas primitivas relacionadas ao instinto e às emoções. Saltos tecnológicos conduziram o homem até ao quase inimaginável. Da pedra lascada à modificação genética, o mundo foi testemunha de cada avanço obtido através do pensamento e da ousadia. Mas tal avanço revela dois aspectos dignos de nota: a evolução, por um lado, gerou o convívio regrado entre as pessoas pelas determinações do que se convencionou chamar de sociedade, e, por outra parte, as razões que levaram o ser humano a empreender (e aceitar), obstinadamente, tamanha empresa. Indaga-se, pois: que motivos impulsionaram o homem a inventar tanto?

É possível estabelecer facilmente duas justificativas. Uma delas é o conforto, pois nós somos atraídos pelo prazer e inversamente repelimos o desprazer, reforçando, portanto, o apego ao bem-estar que deriva de cada invento, além da economia de energia e acomodação pessoais que se estabelecem inevitavelmente.

Outra prova versa sobre o desenvolvimento humano, considerando-se tanto a aprendizagem quanto a mudança – elementos fundamentais à sobrevivência e ao progresso evolutivo –, sem as quais seria impossível a convivência humana.

Inicialmente, o ser humano teve que lidar do modo mais grosseiro com os reveses impostos pela vida. Para melhorar a condição em que se encontrava precisou pensar e aprimorar o

intelecto. Eis o preço cuja moeda foi a reflexão. Todavia, quanto mais penetrava no novo universo da sapiência, tanto mais se abriam os seus olhos diante de novos problemas mais sutis e menos motivadores: a natureza mostrava-se nua e crua para aquele que conseguira superar alguns graus de inconsciência a esse respeito. Do ser tosco e sombrio que ficava para trás, em razão do homem que desabrochava na direção da luz do saber, rompeu-se a cegueira que camuflava a causticante realidade. Nasceu daí uma dor, profunda e agonizante, levando o seu autor a ter de se defender. Eis a maçã bíblica do paraíso?

Porquanto após trágico diagnóstico, restava ao enfermo o automedicamento cuja cura lhe asseguraria a retomada do prazer roubado pela olhadela que dera na inoportuna realidade. Foi então que, sem se dar conta, passou a fazer uso do autoengano, tornando as coisas mais suaves, pelo menos na sua aparência. Pelo menos enquanto lhe fosse permitido ludibriar a si próprio.



E o engodo deu certo. O entorpecimento resultante foi bom. O pesar febril cedeu. (Mas a infecção da ignorância não arredou o pé.) O aconchego morno das vantagens relacionadas ao bem-estar e a acomodação que se sucederam ajudaram a sustentar tamanha arapuca. As estratégias se sofisticaram, e de invenções como o agrupamento social das pessoas, legalizando o poder, o controle, e a submissão (e a aspiração para tal), o suplício original revestiu-se de roupagem aceitável. Com o tempo, cada invento, o casamento, por exemplo, incorporou-se tão enraizadamente que o artificial transformou-se em natural. É infantil, mas até hoje é percebido assim.

Entretanto, a inconsciência ainda domina o homem. Para sair dela é preciso enfrentar, mesmo sob forte dor, a realidade que o psiquismo teima em negar. O próprio fato de o ser humano ser bem pouco consciente sobre o seu próprio estado já é uma evidência da escuridão em que se encontra mergulhado. Pior: se autoiludir, convencido de que se situa em um alto grau de consciência, pouco lhe criará incômodo, e, assim, dificilmente sairá do lugar, restando atrasado e bastante inconsciente dos deveres e direitos que têm para consigo mesmo. Não sem antes retirar, reflexiva e gradativamente, o manto do entorpecimento que lhe atrasa consideravelmente a própria evolução rumo à maturidade real e não autoenganada, como se pode perceber atualmente com certo esforço consciente.

O lado sombrio da civilização

Selvageria e civilização podem ser descritas como etapas culturais da humanidade. É claro que há aspectos civilizados encontrados antes mesmo do estágio denominado civilização, tal como a arte (pinturas rupestres e esculturas) de 35.000 anos atrás, datada pelo método carbono-14 (C14), e, por outro lado, provou-se, com facilidade, existir selvageria ao longo da fase civilizada, percebida tão somente através da pesquisa histórica e da observação. Tal fato é digno de nota e reflexão acerca do ser humano e sua evolução. Não obstante, há um item que merece redobrada atenção: a escravização humana, que nos leva a reavaliar a sua origem, pois há diferença gritante entre o período selvagem e o civilizado. No primeiro, não há evidência (algum desenho rupestre que seja) de que o homem tenha se submetido à escravidão. No segundo, porém, tal fato viceja em cada capítulo da história desde a Mesopotâmia, a China e o Egito, por exemplo, sem falar dos gregos e romanos, dos povos da América Pré-Colombiana ou dos estimados 6 milhões de africanos que atravessaram o Oceano Atlântico rumo ao Novo Mundo, entre 1700 e 1850.

Com as muitas descobertas a respeito do homem de cro-magnon, nosso ancestral surgido entre 90.000 e 40.000 anos atrás, demonstrou-se que ele possuía substancial nível de inteligência, através dos achados arqueológicos, além da sua refinada estratégia de caça, que lhe permitiu proteção e sobrevivência com maior qualidade – seus ossos estão mais preservados do que os do homem de neandertal, que geralmente se feria quando agarrava às perigosas presas ao atacá-las. Então, poder-se-ia teorizar que existiu a possibilidade de o homem escravizar o próprio homem nessa época.

Todavia isso não ocorreu. Não há prova que sustente tal ideia. Assim, restou voltar os olhos críticos para a civilização, que se constituiu, ainda que primitivamente nos primórdios, por meio das leis e regras estabelecidas no seio de cada sociedade, incluindo-se a escravidão autorizada.

Então, é uma coincidência, ou a escravidão surgiu a partir da sociedade civilizada? Mais: a escravidão poderia ter aparecido antes, mas não havia respaldo (costumes ou leis) que a validasse? Até agora, não notamos o lado sombrio da civilização, que consentiu e aprovou legalmente a escravização de muitos homens ao longo dos últimos milênios? A civilização é tão boa quanto a sua própria propaganda? A conveniência e o oportunismo de alguns, baseados nas diretrizes civilizadas, articularam a favor da escravidão alheia? Por onde andou a civilização (nós, os seus representantes), todo esse tempo, que não viu (ou não quis ver) nada disso?

Mas, cumpre-se ressaltar: há outros tipos de escravização, tal como a psicológica (aparência física e posição social e financeira). O autoengano é seu fervoroso representante, levando o homem, entorpecidamente, a se autoperceber como alguém melhor do que é de fato. Logo, emerge a questão: você pretende manter-se aprisionado ou irá refletir e lutar para se libertar gradativamente, ajudando, inclusive, a aperfeiçoar o modelo de civilização atual?

Uma babá muito louca

No demasiado estado psicológico inconsciente em que ainda nos encontramos – basta verificar os inúmeros comportamentos descontrolados e inconsequentes presentes nas pessoas -, portanto bastante infantil, vale a pena lançar uma pergunta pretensiosa: Quem pajeia o ser humano enquanto ele não adquire a maturidade necessária para tomar, com maior consciência, as rédeas da sua vida? Pela análise reflexiva que se seguirá, resta responder que o próprio homem é babá de si mesmo.

Serão considerados dois aspectos na apreciação: genética e convivência. De um lado, sabe-se que somos “reféns” das informações advindas dos genes. Em estudos recentes sobre a fidelidade nos relacionamentos, por exemplo, mostrou-se que o homem sempre prezou a quantidade e a mulher, por outro lado, a qualidade. Em outras palavras, o que interessa para o homem, do ponto de vista biológico, é manter contato sexual com várias parceiras, pois há um número considerável de espermatozoides a serem disseminados e a dar continuidade à espécie. A mulher, ao contrário, geralmente expele um óvulo. Logo, na maioria dos casos, ela preza a seletividade, pois tal qualidade determinará, com grande chance de acerto, o tipo de filho que terá. Tais características encontram-se presentes nas informações genéticas que pretendem cuidar da sobrevivência e da evolução da espécie. Eis, mesmo sem percebê-lo, um exemplo de babá que sempre cuidou do ser humano desde outrora.

A questão, contudo, não para por aí. Há outro dispositivo capaz de gerar conflito frente à infidelidade animal. Desde muito cedo, dispomos instintivamente da capacidade de desenvolver o apego com

quem convivemos. Graças a tal condição, aprendemos a dirigir e receber afeto. Um tipo de preparação para a vida adulta, sem a qual se torna difícil manter qualitativamente bem um relacionamento. Eis outro modelo de babá com o qual o homem pode contar. Mas aqui reside um problema, haja vista a exagerada interpretação social que damos ao apego ao transformá-lo em instrumento de perigosa fusão monogâmica e forte dominação, e não em apoio vincular mútuo. Por tal fato, somado às aprendizagens obtidas no decorrer da vida, tais como as proibições legais, morais e religiosas a respeito das questões sexuais e da poligamia, gera-se uma gama de conflitos. Mas convém ressaltar que os conflitos servem para nos incomodar e fazer mexer aquilo que tende à acomodação, levando-nos a novos e fundamentais desenvolvimentos.

Porém, ao observar o choque que se instala entre genética e convivência sobre os relacionamentos, verifica-se que há pouco controle acerca dos comportamentos, pois as pessoas não se dão conta de tal fato, ignorando as informações dos genes e a sua relevância na ideal continuidade da vida e o impacto causado pelas criações sociais, a exemplo do controle conjugal. Então, tendo em vista a falta de consciência sobre pontos tão cruciais, a sorte do ser humano repousa na habilidosa estrutura que possui cuja combinação inclui o psiquismo e a biologia e é através dela que, mesmo sob o véu da inconsciência, vários dispositivos são acionados, oferecendo-lhe cobertura em pontos onde não se enxerga. É a babá temporária do homem, até que ele alcance, com o devido esforço, o estado de consciência que lhe possibilite pensamentos e decisões maduros, alterando, inclusive, as informações genéticas que influenciarão as gerações vindouras – flexibilidade constatada nas constantes mutações sofridas ao longo de milhares de anos. Percebe o nível de responsabilidade aqui existente?

É de admirar que haja uma babá dentro de nós. Como é possível existir tamanha sabedoria desde há muito? Mas, em razão de tal babá perambular em meio às escuras vielas subterrâneas do mapa inconsciente, ainda ocorre um punhado de erros grosseiros que desencadeiam notáveis conturbações originadas nos excessos dos conflitos. Porquanto, por hora, pode-se denominá-la de babá muito louca.

O psiquismo a serviço da informação genética

Dentre as dúvidas acerca do papel do psiquismo na sobrevivência da informação genética, foram selecionadas aqui quatro perguntas para provocar a necessária reflexão. (1) É possível ao ser humano desenvolver inovadores processos psíquicos à medida que novas e imperativas demandas do convívio social - crescimento populacional abundante e conseqüente competitividade pela sobrevivência - surjam como obstáculo à adaptação e continuidade da espécie? (2) Tal capacidade de inovação psicológica diz respeito à plasticidade adaptativa animal inerente às mudanças sofridas pela pressão externa do meio ambiente cuja transmissão das correspondentes informações genéticas se dá às gerações seguintes? (3) Que tipo de conflito pode se estabelecer diante do embate entre o egoísmo da sobrevivência e o altruísmo da convivência, ambos detectados pelo estudo evolucionista? (4) Qual o papel (e poder) do pensamento lógico frente à poderosa força advinda das informações genéticas impressas nos típicos comportamentos da sobrevivência?

Desde a publicação de "A origem das espécies", de Charles Darwin, em 1859, novas ideias acerca da origem e evolução humanas se instalaram no meio científico e nas muitas opiniões sociais com as suas ousadas e revolucionárias elucidações sobre o tema. Dali por diante, ferrenhos opositores passaram a se revezar na batalha dos argumentos que tentam manter hasteada a bandeira da indignação gerada pela pretensão darwiniana. Revolta e censura são despejadas aos montes sobre o evolucionismo, mesmo por parte daqueles que pouquíssimo contato tiveram com a teoria. Autoengano? Por ventura a imagem idealizada que o homem faz de si mesmo é proporcional à antipatia que tem sobre a sua própria origem? Por outro lado, seguidores e simpatizantes rendem-lhe homenagens póstumas

através de novos estudos, os quais reforçam os conceitos fundamentais, e, por vezes, ampliam a biblioteca evolucionista com novas e ainda mais desconcertantes descobertas.

Como parte desta análise, urge apontar que a demografia global compõe-se atualmente de 6,6 bilhões de pessoas, e prossegue em franca expansão. Evidencia-se, concomitantemente, a desproporção que prevalece em relação à péssima qualidade de vida registrada, cuja desnutrição já atinge mais de um bilhão de seres humanos em 2009, conforme a estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU). Agreguem-se a este nebuloso cenário, os crescentes efeitos nocivos causados pela irrefletida destruição imposta à natureza, fonte essencial da vida. Mais: o desequilíbrio que marcha impiedoso e veloz com as rédeas soltas do desemprego (muita gente, pouca vaga e despreparo técnico; soluções reducionistas; política), vitimando muitos trabalhadores. Ainda: a violência, que ronda a paz de espírito e sobressalta os ânimos, computando números que aumentam exponencialmente, sufocando e criando uma atmosfera de medo e, em alguns casos, de pânico. Não é de espantar que tais pressões, combinadas, provoquem o acúmulo do desespero nas pessoas, levando-as a se comportar, às cegas, de modo ativamente egoísta, dificultando, conseqüentemente, o desenvolvimento do altruísmo. Salve-se quem puder?

É uma luta sem igual. De um lado, há informações genéticas que cobram a sobrevivência a qualquer preço. De outro, conforme os estudos realizados na Universidade Harvard, pelo biólogo evolucionista Marc Hauser, o cérebro possui um mecanismo geneticamente determinado para adquirir regras morais. Egoísmo e altruísmo se confrontam ferozmente em razão de tentarem estabelecer a sobrevivência e a convivência social, ambas fundamentais à evolução humana. No entanto, a variável, neste tipo de estudo, a competitividade, oscila em graus conforme o número de

participantes no jogo da vida. Isto é, quanto mais pessoas, maior é a luta pela sobrevivência. E, para agravar a questão, quanto menos recursos básicos (alimento, trabalho, segurança, esperança), menor é a preocupação com os outros. Mais egoísmo, menos altruísmo na complexa relação crescimento-sobrevivência.

Não obstante, o surpreendente potencial humano e o confronto assinalado na forte competitividade que se alastra a passos largos, fazem emergir, em maior dimensão, novas soluções que, a princípio, podem trazer alívio e novo desenvolvimento à espécie. O próprio conflito entre o egoísmo e o altruísmo pode ser a chave para abrir a porta que dá acesso à nova direção no convívio entre as pessoas, levando-as a rever os conceitos de sobrevivência e a modificar, gradativamente, as informações genéticas que impactarão oportunamente as futuras gerações.

Decorre que, todo conflito psíquico gera uma resposta autorreguladora como efeito adaptativo à inquietante novidade que se instalou. Não significa, contudo, que tal ajuste dê conta de estabilizar o desarranjo, tendo em vista a inconsciência a seu respeito, além do nível em que se encontra desenvolvido, tal como qualquer outra capacidade humana. Quanto mais o ser humano se conhece, e aos seus processos psicológicos, tanto melhor será o controle sobre eles, além da qualidade que desabrocha no jardim dos resultados. Entretanto, quantos conhecem tais "mistérios"? Aos poucos, o psiquismo tenta gerar adaptação e avanço, variando de pessoa a pessoa. Tal resposta autorreguladora, pois, para alcançar o melhor efeito desejável em sua proposta, leva o seu autor a experimentar em si mesmo, de modo inconsciente ainda, aquilo a que submeteu outrem, aplicando-se uma ação concreta de igual teor e contrária ao motivo que desencadeou o conflito, na tentativa de neutralizar (ou minimizar) os efeitos da fonte provocadora. Trocando em miúdos, o que se faz ao outro, recebe-se (através de si mesmo)

igualmente, seja algo prazeroso ou desprazeroso. Sábia natureza! Em silêncio, ela toma o controle daquilo que ainda não se mostrou devidamente à luz da consciência. Nada substitui tão efetivamente a experiência que conduz à aprendizagem cujo significado é capaz de valorizar e dar sentido ao conteúdo aprendido. Sentir na pele o que se proporciona aos outros ainda é o melhor caminho para se compreender as regras do jogo, realçando, conforme tal entendimento, o altruísmo, e, minimizando o egoísmo, sem, porém, esquecer-se do seu vital papel na luta pela sobrevivência.

Eis a importância da razão no processo conflitante que pretende alavancar ainda mais aptidão, evolução e continuidade à espécie humana, a qual demanda sobrevivência e ao mesmo tempo adequada convivência, pois, quanto menor o grau de tal consciência, tanto mais se lutará na direção oposta, valendo-se tão somente dos comportamentos egoístas gerados pelas primitivas informações do "vale-tudo" tão bem entranhadas na codificação genética. O saber racional pode influenciar o desencadeamento da pretendida mudança que diz respeito à superação por hora exigida conforme a bifurcação seletiva que se nos apresenta. Apenas sobreviver já não atende às necessidades atuais do desenvolvimento. É preciso ir além e valer-se de outras fontes genéticas, pobremente utilizadas pela falta de visão a seu respeito. É o psiquismo a serviço da genética. Ou ainda, a cabeça a serviço da evolução.

Muito além do que somos

Qual é o nosso verdadeiro tamanho em relação ao desenvolvimento humano? Será que somos potencialmente maiores e bem pouco se enxerga a respeito? Não ver o prêmio futuro pode causar desânimo e até oposição frente ao exigido e essencial exercício do crescimento que se tem no presente? Nada é de graça! O que pode nos levar a perceber tal possibilidade de avanço para que o estímulo resultante nos impulsione em direção a um nível evolutivo sem precedentes, superando as lentas passadas com as quais temos caminhado através da estrada da vida?

Para tratar sobre o processo evolutivo, é prudente lançar mão da teoria darwinista encontrada no livro "A origem das espécies", a qual atribui ao tempo, o acaso e a seleção natural o resultado daquilo que hoje somos. A valiosa aptidão que se adquire facultada ao ser humano (e às outras espécies) a possibilidade de manter-se vivo e ainda transmitir tais informações à sua descendência. No entanto, esbarra-se em uma delicada e complexa questão: como foi possível ter-se dado a gênese de tudo que conhecemos sem se levar em conta um criador com a necessária capacidade de planejar e concretizar?

Alguns pontos permanecem obscuros sem a devida análise, tais como as capacidades de desenvolvimento preexistentes (semelhantes aos típicos *softwares* da informática): desenvolvimento do apego para o convívio; aquisição da linguagem; aprendizagem do saber e formação da inteligência; constituição do jeito ético de ser; eclosão das muitas consciências; noção e sentimento espiritual, por exemplo.

As discussões são travadas, infelizmente, em planos distintos e isolados, com rara chance de conciliação. Vê-se orgulho, teimosia,

fanatismo e cegueira obstruírem o acesso ao merecido conhecimento. Tal sapiência é capaz, a propósito desta reflexão, de promover maior consciência e melhor desempenho na escalada rumo à maturidade pessoal que hoje é pobremente encontrada no convívio social.

Não obstante, é possível detectar algumas movimentações em prol de novas e interessantes perspectivas. Em 1993, o Professor Phillip Johnson, da Universidade da Califórnia, reuniu alguns estudiosos de diferentes áreas para que se debatesse o tão polêmico assunto. Dentre alguns aspectos lá refletidos, destacou-se que havia uma lacuna não preenchida por Charles Darwin. O fato é que, acerca da primeira vida primitiva, segundo o que se concluiu, não seria possível à seleção natural atuar antes da existência da primeira célula viva. A seleção natural só atua sobre organismos capazes de se reproduzirem. Então, o que causou, inteligentemente, o início da vida? A tal indagação, respondeu-se com o que se denominou de "Teoria do Design Inteligente", condição anterior à existência. Assim, é possível atribuir, de modo mais equilibrado, à maneira de cada lado na ferrenha contenda, uma nova e mais justa explicação (ainda que temporária, pois sabemos muito pouco ainda a respeito de muita coisa) para a origem das espécies e sua evolução. Vale a pena, ainda, lembrar da afirmação de Darwin na qual não lhe parecia existir qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus. Será que há um esboço, ao menos, de harmonização entre as partes concorrentes?

Cabe, pois, ponderar exaustivamente acerca de tal proposta, repensando, portanto, o que somos verdadeiramente no aqui e agora, enquanto seres carecedores de considerável consciência e desenvolvimento. Mas cumpre-se salientar o gigantesco potencial a ser extraído através do necessário e pertinente exercício. Há muito mais dentro de nós do que se pode perceber, mas cabe a cada um se

autoconhecer por meio da autoavaliação e tirar as próprias conclusões com o passar do tempo.

Controle social e autocontrole

Qual é a sua opinião sobre a convivência entre as pessoas? Ela leva em conta o lado primitivo tão presente nas nossas informações genéticas? Ou as leis que tentam dominá-lo? Ainda: você tem percebido alguma adequação evolutiva no controle social, ou a maneira de fiscalizar tem sido a mesma desde longa data?

Há duas forças poderosas que controlam o ser humano em prol do convívio social: a imposição externa, que se dá através dos costumes e leis, e a interna, fruto da introjeção da primeira; da sua aceitação legítima (parcial ou total), além da conveniência nela implícita, em razão do interesse que cada um tem de fazer parte da sociedade – obter apreço, sobrepor-se aos demais. As duas forças controladoras são, no entanto, fonte de pressão adaptativa aos moldes sociais e requerem constante policiamento. Do contrário, o descontrole se impõe e causa riscos previsivelmente desastrosos. “Enquadrar para conviver” é a regra do jogo civilizado para os milhões de participantes que buscam o seu lugar ao sol na convivência comum.

É claro que nos primórdios da vida humana as duas forças não existiam. O tempo, a evolução e a necessidade de ajustes comportamentais se encarregaram de introduzi-las gradualmente. Mas, interessa-nos muito a análise que se deve fazer dos resultados de tal fiscalização. Para tanto, é preciso refletir a partir de algumas questões: será que o controle social existente possui a força necessária para levar a maioria das pessoas ao enquadre e conseqüente autocontrole requerido pelas determinações das sociedades contemporâneas? Tal controle ainda é viável, mediante tantas e tamanhas transformações ocorridas nas últimas décadas? Se

há defasagem no modelo controlador, que alternativa pode-se propor? Mais: quem está interessado no assunto, e disposto a colaborar com novas e oportunas sugestões?

A discussão ainda está limitada a poucos. Porém, o seu interesse deve pertencer a todos. Afinal, aquele que se mantém alheio acerca das coisas que podem lhe favorecer ou desfavorecer não apenas ignora o controle sobre o seu próprio futuro, mas prende-se a um modelo de presente fatalista, no qual o destino é sempre uma surpresa, reforçado, ainda, pelas repetidas e limitadas impressões do passado. Já pensou em tomar para si as rédeas da sua vida? E o que você acha de estabelecer o autocontrole, determinando sabiamente o que melhor lhe convém, respeitando devidamente o seu próximo? Não está em você mesmo a construção e aplicação da cartilha que controla o convívio social? E quanto às próximas gerações, não estará na adequada educação (familiar e acadêmica) a oportunidade de estimular o afloramento da responsabilidade pessoal que fundamenta o essencial autocontrole?

A ponte Darwin-Freud: o sexo na evolução humana

Decerto que Freud (1856-1939) foi influenciado por alguns pesquisadores ao tomar contato com suas ideias. O pequeno Sigmund já era um leitor de mão cheia à infância e adentrava aos mistérios da vida através dos livros que lia noite e dia, alcançando, passo a passo, uma visão bastante particular de assuntos humanos bem abrangentes. Foi assim que o pai da Psicanálise conheceu a Teoria da Evolução de Charles Darwin (1809-1882), publicada em 1859, levando-o a refletir acerca da origem do homem e o seu desenvolvimento, inclusive a relevância da Seleção Sexual no processo evolutivo, da qual extraiu impressões que provavelmente o estimularam a elaborar a sua própria teoria posteriormente. Nas obras psicanalíticas encontram-se variadas citações a respeito: "...fiz uso de certas idéias teóricas apresentadas por Darwin..." ou ainda, "...as pesquisas de Charles Darwin e seus colaboradores e precursores puseram fim a essa presunção por parte do homem. O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem ascendência animal..." Porquanto não é segredo a existência de uma conexão de aprendizagem cuja influência intelectual fez brotar novas flores no jardim do conhecimento evolutivo, capaz de mudar sobremaneira o jeito de se enxergar a humanidade e suas interações.

Estabeleceu-se, então, uma ponte entre Darwin e Freud, levando o ser humano a dar novos passos na direção de inusitadas compreensões, notadamente a importância do sexo na evolução humana, tal como o desenvolvimento psicosssexual existente na criança. É através do que se denominou de "Fases Psicosssexuais do Desenvolvimento" que Freud pormenoriza a construção da

sexualidade que deverá culminar nas relações juvenis e adultas -- *Fase Oral*: destacando a boca como a primeira área do corpo onde se focaliza a energia libidinal e inicialmente a pulsão básica do bebê é receber alimento e carinho; *Fase Anal*: com o crescimento, a criança entre 2 e 4 anos aprende a controlar os esfíncteres anais, e o foco libidinal passa a se localizar no domínio fisiológico; *Fase Fálica*: ao redor dos 3 anos, a criança já nota o seu órgão sexual e tende a ocorrer estimulações nessa região, causando-lhe prazer, e entre os 5 e 6 anos até o começo da puberdade, denomina-se de período de latência em razão de as aprendizagens sociais repressoras já terem se estabelecido como regra de convivência; e, finalmente, *Fase Genital*: fase final do desenvolvimento biológico e psicológico com o retorno da energia libidinal aos órgãos sexuais. Ou seja, o sexo não surge pronto na puberdade, qual um dispositivo que é ativado sem qualquer competência anteriormente adquirida. Aprendizagem e evolução tanto orgânica quanto psicológica moldam gradativamente a sexualidade até ao ponto da maturidade para que a mesma aja com vistas ao seu inequívoco papel milenar de reprodução e continuidade da espécie, considerando-se também o apego qualitativo entre as partes e os disparos hormonais.

Não existem, pois, outros processos com fases de desenvolvimento também, a exemplo da aquisição da linguagem: balbuciar, palavras e sintaxe? Por que seria radicalmente diferente a aquisição da sexualidade?

Em um extremo da ponte, Darwin explicou a Seleção Natural através da adaptação dos seres vivos aos diferentes ambientes, cujas características favoráveis são herdadas sucessivamente, e características desfavoráveis tornam-se menos comuns, levando, inclusive, ao surgimento de novas espécies com a emergência de novas e contínuas adaptações. Assim, o que não fosse adequado à adaptação deveria ser descartado sob pena de seguir-se à extinção.

Todavia ele se deparou com um problema colossal que lhe roubou noites de sono, dentre alguns exemplos perturbadores, destacou-se o caso do pavão, que contrariava as determinações da Seleção Natural com a sua imensa cauda multicolorida, capaz de chamar a atenção de predadores facilmente e levar a respectiva espécie ao fim. Eis que depois de muito pensar concluiu com primazia o fato de existir, além da Seleção Natural, a Seleção Sexual -- a luta entre indivíduos de um mesmo sexo, mormente o macho, pela posse de outro sexo, ainda que existam críticos discordantes que apontem o sexo como uma função social --, a qual dotou diferentes espécies de artifícios (características morfológicas e comportamentos) que atraíssem parceiros para que se executasse a reprodução com maior qualidade. Bingo! A sábia natureza soube promover tanto meios de adaptação através de características favoráveis herdáveis quanto atributos atrativos relacionados ao refinado processo seletivo sexual existente.

Noutro extremo, Freud deparou-se com a construção natural da sexualidade, passo a passo, fase a fase. Ele percebeu, como pesquisador sério e vigoroso que era, como se desenrola o desenvolvimento do sexo desde a infância, alimentando, conseqüentemente, o arsenal de informações que o ajudou a localizar no ser humano, inclusive, obstruções relacionadas ao fluxo das fases psicosexuais e suas decorrências psicopatológicas, além da formulação respectiva, ressaltou-se, dos tratamentos propostos no corpo do universo de ideias psicanalíticas.

O sexo tornou-se, desde tempos imemoriais, um mecanismo precioso que oferece aos seres vivos condições de aperfeiçoamento e adaptação aos ambientes, levando-os à sobrevivência e a graus evolutivos sem os quais a vida cessaria. A atividade sexual é, de longe, um fator determinante não apenas para a reprodução da espécie, mas uma condição estratégica que reúne táticas específicas de se aperfeiçoar ao cruzar genes diferentes e proporcionar seres

melhores na sua constituição e capacidade adaptativa. Não se pode falar em vida e evolução sem se exaltar o sexo, seu desenvolvimento ao longo do tempo, sua razão mais profunda de ser, seu incalculável valor. O primitivismo da vida sexual nos trouxe até aqui, atravessando todo tipo de sorte pelos caminhos que se impuseram na jornada vital, e daqui a certo tempo, nossos descendentes seguramente olharão para trás e terão o entendimento de que novos avanços se deram no processo de reprodução e aptidão.

As belezas existentes nas visões de Darwin e Freud ultrapassam em muito a fraca compreensão que se pode ter acerca da sexualidade, cuja relevância no processo educacional, desde cedo, em momento adequado, deveria ser defendida com unhas e dentes, a fim de fazer despertar no complexo ser humano a sabedoria de autocompreender-se melhor ao invés de atravessar uma vida inteira desconhecido de si mesmo, e, ainda, sem se aceitar mais amplamente por força da opressão e dos conflitos causados pelo crivo civilizatório por motivos que sabidamente poderiam ser-lhe melhor explicados. A ponte entre Darwin e Freud é tão somente uma ponte, porém ela pode nos levar à reflexão de que assuntos ainda pouco discutidos na sua profundidade estão relacionados entre si, e que há razões lógicas para se alcançar resultados importantes obtidos de equações proporcionadas pela natureza.

Maravilhas da evolução biológica

A natureza é cheia de mistérios. Porém, se levantarmos o véu que a encobre, com o devido esforço da pesquisa e reflexão, é possível enxergar algumas das suas exuberantes maravilhas, especialmente o minúsculo universo microscópico. Refiro-me ao processo de duplicação das células existentes em nós, seres humanos. Pode-se considerar relativamente recente o estudo aprofundado acerca de tal tema, pois a descoberta do microscópio remonta a 1591, pelas mãos, provavelmente, dos holandeses Hans e Zacharias Janssen. Mas coube a Antonie van Leeuwenhoek (1632-1723), outro holandês, as primeiras observações de material biológico.

Assim, foi possível compreender eventos biológicos que outrora não se faziam visíveis, e, portanto, muito avanço acumulou-se desde então. Entre um passo e outro na escalada do saber construído através dos estudos realizados a partir do uso do microscópio, é possível dar destaque a um processo relacionado ao controle de qualidade existente na replicação das células. Ainda que não se tenha consciência a seu respeito, lá está tal funcionamento, permitindo a continuidade salutar da vida.

Convém, então, observar alguns trechos extraídos da literatura das Ciências Biológicas. Eles oferecem rica explanação acerca do processo aqui apreciado. Na descrição dos professores estadunidenses, Guyton e Hall, "o verdadeiro processo pelo qual uma célula se divide em duas novas células é chamado de *mitose*. [...] "durante o intervalo de cerca de uma hora, entre a replicação do ADN [ácido desoxirribonucléico], ou DNA, em inglês, e o começo da mitose, existe um período de intenso reparo e de "revisão"

(*proofreading*) dos filamentos de ADN. Isto é, sempre que nucleotídeos inadequados forem combinados aos nucleotídeos do filamento original, que serviu de molde, enzimas especiais removem os trechos defeituosos e os substituem por nucleotídeos complementares adequados. [...] devido ao reparo e à revisão, o processo de transcrição quase nunca comete erros". Logo, as atividades de reparação e de revisão, ocorridas durante a *interfase*, período que antecede a mitose, são fundamentais, pois reduzem sobremaneira as chances de ocorrerem erros que levariam a mutações genéticas danosas. Não obstante, vale a pena levantar algumas questões: o que determina o funcionamento de tais ações reparadoras e revisoras? Como elas surgiram? Quando? Você percebe algo profundamente sutil e inteligente nesses tipos de operações qualitativas e protetoras?

É prudente iniciar a ponderação através da análise da informação genética cujas alterações se deram em incontáveis vezes ao longo do processo evolutivo das espécies. Muito provavelmente, há considerável tempo, a necessidade de adaptação biológica, considerando-se a conservação das características comprovadamente úteis e a modificação e aperfeiçoamento de outras menos interessantes levou ao desenvolvimento das mutações que proporcionaram a continuidade da vida e melhorias às gerações seguintes. De tal fato, conforme a pressão exercida pelo meio em relação aos avanços prementes, deve ter surgido, dentre outras características, a capacidade de automonitoramento voltada à replicação celular. Com o passar do tempo e a prática contínua, chegou-se a um grau de perfeição que poucos erros conseguem passar pelo crivo do competente processo de reparação denominado "revisão do ADN." Você percebe grandiosidade nisso?

Urge indagar, pois, como é que tal informação surgiu nos primórdios do processo aqui apreciado? Como foi que se deu, pela

primeira vez, a atividade reparadora e revisora, ainda que de forma primitiva? Nessa fronteira que divide a ciência e o desconhecido é que reside outro mistério a ser desvendado oportunamente. E nada impede de se pensar a respeito, na tentativa de se buscar respostas que permitam maior compreensão sobre o homem, e também que se tire proveito de tal saber, favorecendo ainda mais o desenvolvimento humano. Mesmo sem enxergar, grande é a nossa sorte, por ter algo tão inteligente trabalhando em nosso favor, não é?

Mais de você em você mesmo

Aquele que se esconde atrás da falta de conhecimento, perde bastante, pois reduz significativamente a marcha da própria evolução, além de se manter escravo do seu manipulador inconsciente, impedindo, por outro lado, que a consciência se expanda e seja, cada vez mais, o melhor guia das inevitáveis escolhas que surgem ao longo da vida. A própria inconsciência acerca de tal questão já denota empobrecida pontuação na escala do desenvolvimento. Mais: as gerações descendentes podem manter o status da situação caso se acomodem e não ultrapassem os ignorados portões de questões tão importantes. Assim, por mais que tenhamos andado pelas velas da história, muito atraso ainda se vê nas esquinas desse caminho.

A fim de analisar o assunto, é possível recorrer à comparação entre os nossos antepassados e a população atual. Sabe-se que o *Homo sapiens sapiens*, chamado de Cro-Magnon, datado de 35.000 anos atrás, possuía características até hoje em nós existentes, tais como capacidade de raciocínio abstrato e linguagem. São interessantes os achados desta época, a exemplo das muitas pinturas rupestres nas cavernas e, particularmente, do mamute de 4 cm de altura e 7,5 gramas de peso, esculpido em marfim, guardado na Universidade de Tübingen, na Alemanha. É claro que houve transformação entre uma época e outra. Todavia, a mudança se deu extremamente lenta. Ela não beneficiou devidamente, por exemplo, a escolarização das emoções e tampouco primou pela introjeção da ética. As sociedades contemporâneas sofrem em demasia por tal descuido. Em incontáveis ocasiões, os descontrolados comportamentos revelam o longínquo passado tão presente em nós.

O homem primitivo, nas palavras de Freud, sobrevive potencialmente em cada indivíduo. Não obstante, uma coisa é ignorar, outra é desdenhar. O que se pode fazer a respeito de uma premente e ágil melhora em favor do desenvolvimento humano?

Não há mágica, e o tempo se imporá inevitavelmente, causando a frustrante sensação de que há pouco remédio para tamanho diagnóstico. No entanto, é possível obter ganhos valiosos, desde que o projeto inspire a missão de empreendê-lo cuidadosa e dedicadamente. O processo de transformação é moroso e se dá através da boa educação que contemple, dentre outros fatores, o estímulo à reflexão e ao autoconhecimento – especialmente a autocrítica de se perceber exageradamente atrasado no gráfico evolutivo – para que, em razão do desconforto que se segue, a pessoa decida modificar-se, pois, do contrário, no estado acomodado, ela será negligente e insequente para com o seu próprio adiantamento. Cumpre alertar a respeito das artimanhas do autoengano, rapidamente acionado pelo sofrido ego que não admite entrar em contato com as próprias deficiências, proporcionando ao seu autor a boa sensação de que se é evoluído, até melhor do que tantos outros. Porém, cuidado: é puro blefe, desespero que corre às cegas nos subterrâneos do psiquismo!

O hábito da autoavaliação das insuficiências permite ao homem enxergar mais acerca de si mesmo e entender que não deve reduzir as passadas que buscam o desenvolvimento, o qual, infelizmente, ainda não foi compreendido à altura do benefício que pode oferecer, pois só experimenta o doce gosto da evolução quem se dissocia, em boa conta, da amarga taça da autoilusão.

Afortunada rebeldia

Somos ávidos pela estima social e nos esforçamos por conquistá-la frequentemente. A sua dependência atinge graus exorbitantes na escala das posições sociais, pois a simpatia, sua filha, é um poderoso instrumento que abre as portas e dá acesso ao que tanto se anseia para benefício próprio. Contudo, se de um lado somos incontroláveis consumidores do apreço alheio que pode nos beneficiar convenientemente, de outro, não se pode tapear a própria origem animal da qual somos reféns desde a origem mais primitiva cuja informação genética – modificada e adaptada – faz resultar, ainda nos dias atuais, nos mais variados tipos de comportamento afeitos ao egoísmo e às indelicadezas tão facilmente identificáveis no cotidiano. É o confronto entre a natureza rústica e a roupagem civilizatória.

O que não se enxerga, entretanto, é que paga-se um alto preço por cada cota de investimento que se faz socialmente à espera das “espontâneas” retribuições que se seguem peculiarmente através das relações de troca de favores. Tal custo se deve ao enquadramento a que nos submetemos a fim de atender ao que os outros esperam, sobretudo aqueles por quem temos especial interesse. Assim, se um dado benefício pessoal acena-se possível, ainda que vagamente, nos esmeramos em adequar-se à moldura daquilo que se espera de nós na contrapartida de recebermos o merecido prêmio. Para tanto, passamos da cara fechada ao sorriso amistoso e da crítica severa à desmedida bajulação com vistas ao rendimento de tal aplicação. Em incontáveis casos, chegamos mesmo a nos convencer de que assim o fazemos naturalmente e sem segundas intenções. É o aliviador autoengano ao afastar o mal-estar que tenta impor a verdade em vão ao se intrometer onde não foi convidado.

O enquadre da submissão pessoal em troca da aceitação social exige do seu autor o bloqueio da autenticidade, razão pela qual leva a média de pensamentos a se aglutinar ao redor da aparência e a limitar o uso da inteligência criativa que, basicamente, é estimulada frente ao diferente e não ao comum. Porquanto ganha-se na convivência com o ajuste socializável – credite-se também o fato de ele ser um importante agente civilizatório - e perde-se, significativamente, com o bloqueio da criação e da inovação. Ora, se um dos requisitos mais essenciais do mundo contemporâneo, em destaque a área profissional, é justamente a criatividade, capaz de fazer enxergar além do vulgar e propor saídas alternativas para os problemas que se avolumam por sua natureza crescentemente complexa em decorrência da acirrada competitividade, então muitos andam, inequivocamente, a lentas passadas, retardando a progressão que poderia ocorrer mais estimulante e velozmente.

É de convir, pois, que o enquadre imposto pela necessidade de estima social geralmente dá resultado naquilo que se propõe fazer. Todavia, ao fixar-se nesse modelo de convivência a pessoa tende a restringir tanto o exercício da criatividade e do autodesenvolvimento quanto o campo de atuação pelo simples motivo de ela se acomodar submissamente como forma de se satisfazer com o seu lugar ao sol. Mas não percebe, tristemente, que é atingida por uns poucos e fracos raios da luminosidade e quentura, em contraste à abundância que lhe aguarda ao preço de romper, dosadamente, com o enquadre social autoimposto.

Afortunada é a rebeldia da autenticidade ante tal enquadre; ela é uma poderosa chave para mudar a crença aprisionadora e abrir porta bem maior do que se supõe existir, pois verdadeiro portal é aberto àquele que ultrapassa criativamente os limites da mesmice e resolve questões até então insolúveis a despeito da simpatia social, pois na hora do “vamos ver” o que conta é o resultado.

Caos, ordem e desenvolvimento

É com extremada relevância que a desordem se impõe aos ritmos ordenados da vida, provocando a oportunidade de desestabilizar e, portanto, incomodar e convidar ao desassossego, permitindo assim os avanços que só acontecem mediante mudanças. Aquele que espera por estabilidade contínua certamente se frustrará, além de não compreender a essência das transformações e do desenvolvimento, retardando maior velocidade a que tem direito nas passadas que adentram o saber e o estreitamento da relação entre o presente e o futuro.

O caos faz parte da sobrevivência e aperfeiçoamento das espécies, em destaque o ser humano. Algumas ciências assim o atestaram inequivocamente através das comprovadas transformações geológicas e das mutações genéticas que imprimiram novos resultados ao longo de milhares de anos. Sem a devida inquietude tendemos à acomodação aprisionadora. As sociedades se beneficiaram do espinho caótico que lhes importunou ao ponto de se reorganizarem dramaticamente (política e economicamente, por exemplo) a fim de se manterem sobreviventes na corrida global e quiçá galgar lugar no atraente ponto alto do pódio.

Mas como se processa tal análise na vida corporativa? Um interessante foco incide sobre os profissionais cujo desempenho evolutivo se situa, grosso modo, em escores empobrecidos. Embora alguns poucos alcancem altas pontuações na escala dos resultados, muitos outros, contudo, demonstram rigidez e atraso. Dentre os inúmeros fatores que se combinam e estabelecem a fórmula de tal resistência ao progresso destacam-se a falta de clareza sobre o que se quer fazer de fato na vida; a ausência de métodos para o melhor

aparelhamento frente à competição que se torna crescentemente mais agressiva (não se pode esquecer a poderosa informação genética acerca da luta pela sobrevivência); falsas e enraizadas crenças que sinalizam o paternalismo estatal ou de qualquer outra fonte como o adequado remédio social em detrimento do esforço próprio e da autonomia consequente; e, notadamente, a incompreensão que orbita na esfera das perturbadoras alterações sociais.

Se o chacoalhar das conturbações que antecede as inovações profissionais for entendido apenas como um mal-estar inevitável, sem se extrair dele maior proveito que estimule o crescimento, então resta somente fazer-lhe oposição, impedindo, por conseguinte, a própria imersão na oportunidade que passa bem à frente mas é irrefletidamente ignorada. O trem passa e o passageiro fica. A fumaça exalada na estação é vista como um malefício intoxicante que lhe serve oportunamente de desculpa para não ingressar na beneficiadora viagem. É o autoengano dando as cartas no triste jogo do atraso e da omissão do desenvolvimento para consigo mesmo.

Enquanto não houver abertura e maior consciência sobre a serventia do caos das transformações, pouco (ou nada) se enxergará acerca da ordem e do desenvolvimento que se sucedem peculiarmente. As corporações devem estimular a gestão da mudança em seus colaboradores, é claro, mas é certo que deve partir deles, logicamente, a reflexão e o movimento que pretendem atrair a prosperidade.

O poder de criação do homem

É necessário ao homem entrar em contato consigo mesmo, de forma profunda e permanente, levando-o à libertação do atraso ao qual se submete, fruto tão somente das impressões autocriadas desde os primórdios. Para tanto, é prudente apreciar o que já se conquistou: do simples agrupar-se em bando primitivo à complexa convivência na sociedade contemporânea. Do manuseio do fogo pré-histórico à combustão que impulsiona os meios de transporte atuais. Da formação rudimentar da comunicação ao moderno e sofisticado sistema de informações online. Da imagem animalesca natural que o precedeu à escultural silhueta deliberadamente manipulada e tão avidamente perseguida. Ou, resumidamente, do sonho à realização de tudo quanto lhe foi possível empreender. Ele pode bem mais, todavia não acredita, porquanto não ousa pensar a respeito. Pois, a partir do momento em que investir em impensados terrenos, ali certamente lhe renderão novos e interessantes resultados. Assim procede-se desde o advento dos primeiros traços da inteligência.

Logo, à exceção dos recursos naturais, todo o resto foi inventado para fins da adaptação humana (e também atender à obsessão pelo conforto que hoje faz adoecer pela acomodação física, intelectual e espiritual), obedecendo às informações genéticas que sempre impuseram a sobrevivência, o aperfeiçoamento e a continuidade transmitida às gerações posteriores. Emerge, portanto, a perspectiva de que o homem possui imenso poder de criação. Embora soe óbvia tal afirmação, ela é desconhecida ou duvidosa para grossa parte da população, haja vista poucos se darem conta de que carregam consigo tamanha capacidade criadora. Ela ainda permanece no campo do mistério. Muito do que se concretiza ainda diz respeito

aos desejos inconsequentes, sem a devida consciência daquilo que deve ser ambicionado, e do correspondente e necessário grau de empenho e persistência, levando muitos a desistir das suas realizações. De um lado, há desejos concretizados inadequadamente, e de outro, existem aqueles que são abandonados durante a sua própria gestação.

A questão, contudo, não se encerra. Deve-se considerar, ainda, que as invenções geradas pelo homem podem ruir de modo igualmente poderoso, deixando-lhe à mercê do fracasso – ainda que possa recuperar-se posteriormente e prosseguir a sua jornada. Refiro-me ao fato de as invenções serem apenas efeitos causados pelas ideias humanas, e como tal, serem frágeis, pois elas são sólidas apenas na aparência. Basta analisar a falta de controle existente nas sociedades ao redor do mundo, a corrupção alastrada e a violência (maneira pela qual se expressa o nosso lado primitivo ainda muito presente) atestam facilmente tal descontrole e a pretensa solidez (além da infantilidade na escala evolutiva). Tal autoengano é necessário em razão da esperança depositada na ordem das coisas. Do contrário, perder-se-ia a fé e o rumo. Apegamo-nos vigorosamente ao jogo tecido pela teia da autoilusão. No entanto, os exageros voltados ao conforto egoísta têm se sobrepujado às necessidades comunitárias, dificultando exageradamente a manutenção das conquistas inventadas. Ou seja, muito desejo tanto egoísta quanto inconsequente produziu-se nos últimos tempos, levando, doentiamente, o convívio social ao sufocamento.

Entretanto, só o homem, inventor da atual situação, pode modificar o cenário. Mas é preciso convencer-se disso primeiramente, pois, infelizmente, os poucos desejos de transformação favorável percebidos por hora são abortados pela descrença que se instalou ferozmente através de outros tantos desejos inconsequentes. Reflexão, consciência e ação podem mudar profundamente o que se

tem em mira. Eis o poder de criação do homem, que só pode ser percebido mediante o testemunho consciente do seu autor.

Potencial de aprendizagem e autossuperação

É prudente compreender a dinâmica evolutiva do potencial que regula o acesso a cada nova aprendizagem a que se destina o aprendiz. Por potencial, entende-se aquilo que é possível – por vezes, o “impossível” também. Algo anteriormente disponível, mas que necessita de certo exercício para tornar-se manifesto. Potência e ato. Qual a geração de um ser e o seu respectivo parto. É por tal exigência prática que se obtém um determinado tipo de resultado para o que se pretende enquanto manifestação da aprendizagem.

No entanto, emerge uma intrigante lista de perguntas: por que uns enxergam mais potencial de aprendizagem do que outros? Que razões levam alguns a avançar bem mais, mesmo em condições de igual estímulo recebido pelo meio de convivência? Ainda: E aqueles que, apesar da miséria a que foram submetidos desde a sua infância, extraíram de si muito mais do que se acreditou ser possível? Que limitação encarcera a pessoa à escuridão da ignorância, tendo em vista a ampla possibilidade de libertação existente na luz do saber?

Dentre as possíveis hipóteses (considere-se a combinação delas também), destaque-se o avanço e as restrições do próprio potencial de aprendizagem. Refiro-me à capacidade de expansão do potencial, cuja elasticidade, resultante da aprendizagem e seus progressos, é capaz de determinar maior ou menor perspectiva a respeito das possibilidades de se investir na busca por mais conhecimento. Quanto menos ocorre tal desenvolvimento, tanto menor é a dilatação do potencial, e reduzida é a visão que se tem de maiores possibilidades. Por outro lado, mais crescimento é sinónimo de maior dimensão potencial e correspondente expectativa.

O potencial, portanto, não se encontra totalmente disponível àquele que investe na sua aprendizagem. Ele oferece apenas uma parte de si à transformação que culminará no ato. Assim, sugiro a existência do que denomino de "Potencial Primário de Aprendizagem" (PPA), ou potencial total, que é disforme, e assume uma posição pré-potencial, que, à medida que é bombardeado por investidas do aprendizado, produz dois resultados distintos: 1) parte dele transforma-se em produto acabado para o que se potencializou inicialmente e; 2) a outra parte se modifica em produto semi-acabado, ou "Potencial Secundário de Aprendizagem" (PSA), à disposição de novos estímulos e mudanças. A disponibilidade da aprendizagem, pois, encontra-se na condição imediata, através do PSA, o qual pode, conforme o grau de desenvolvimento atingido, estimular a transformação do PPA, levando o aprendiz a perceber maior terreno a ser percorrido, com crescente motivação, na aquisição do saber.

Porquanto, muito pouco percebe acerca do quanto se pode avançar, aquele que se estimula empobrecidamente, limitando-se a uma pequena predisposição relacionada à expansão do potencial de aprendizagem. Todavia, felizmente, enxerga bem mais quem investe em maior grau na própria aprendizagem, fazendo crescer os limites do PSA e, sobretudo, do PPA e da expectativa de ainda maior investimento. Quem vê menos, pouco acredita que pode ir longe, limitando-se. Quem vê mais, não só acredita como avança pela trilha dos próprios esforços evolutivos, superando-se.

Quem acredita na tábula rasa?

Quem acredita na tábula rasa? Quem crê nos fatores genéticos? Quem considera ambas as possibilidades na hora de preparar as aulas, planejar o modo de absorver melhor a frustração e o desgaste gerados pelas múltiplas respostas obtidas dos diferentes tipos de alunos numa mesma sala educacional? Longe de pretender apaziguar os radicais de plantão (sobretudo os seguidores da mente límpida inicial), e relativizar a questão, e, do modo mais fácil querer atenuar este duro embate secular, é fundamental que se conheça mais profundamente cada lado da moeda que divide não apenas os profissionais da educação (e de outros setores), mas cria conflito na esfera pessoal, na intimidade que tenta refletir a respeito do que se sabe acerca do assunto e o que se observa na prática docente (e no lar!).

Não adianta apenas alegar (para os mais moderados) que o meio termo é a tábua salvadora, haja vista ter-se comprovado, sem ressalvas, que ora a genética impõe-se altiva, a exemplo de certas características determinantes (dos pais e de ancestrais anteriores a eles) observáveis já na pequena infância, e outras com o decorrer do tempo, ora o ambiente bate o pé e dá as cartas no jogo evolutivo, sem se esquecer de que ambos conspiram para uma adequada finalidade: a melhor adaptação possível da espécie. Como bem expressou o psicólogo evolucionista estadunidense Steven Pinker, "Os genes que constroem um fêmur não podem especificar a forma exata da cabeça no topo do osso, pois ela tem de articular-se com o acetábulo no quadril, que é moldado por outros genes, pela nutrição, idade e acaso. Assim, a cabeça e o acetábulo ajustam sua forma conforme fazem a rotação um contra o outro quando o bebê

esperneia no útero.” Ao afirmar que se leva em conta tanto um quanto o outro, é crucial que se compreenda o que já se conquistou por meio da pesquisa e o imenso cosmos do saber ainda a ser explorado pela dimensão e complexidade presentes.

Se o professor tende para a tábula rasa, e nela deposita as suas aspirações de ensino, como lhe é possível diagnosticar aspectos típicos da genética que lhe fogem ao entendimento? Mais: que tipo de intervenção pode ser desenvolvida se o quebra-cabeça assume a configuração do todo contando apenas com algumas peças? Por que não ponderar? Autoengano? É preciso lembrar que a informação (em quantidade e qualidade) é o X da questão, e se ela falta ou é insuficiente, deficiências ganham terreno na esfera da educação. Portanto, além do conhecimento técnico que se tem em mira na aprendizagem, torna-se premente que se saiba muito mais sobre as bases que estimulam, desestimulam, facilitam, dificultam, fortalecem, enfraquecem, calcadas no ambiente, é claro, mas na genética também.

Quem deseja desconsiderar um lado (notadamente a natureza), e seguir a sua jornada educacional sem rever o tema? Que aridez o aguarda na estrada das relações humanas e do cumprimento da importante tarefa de estimular o aprendizado e a superação própria? Quem acredita na tábula rasa? Quem pretende arregaçar as mangas e investir pesado no estudo da natureza humana e da sua parceria com a criação?

Jogo de cartas marcadas?

Após tantos anos de pesquisa, compreende-se melhor hoje o peso que possui cada um dos lados de uma antiga disputa: genética versus ambiente. Doenças entranhadas no genoma, por exemplo, prontas para dar o bote ao longo da vida, podem perder a sua força natural diante de uma vida com qualidade (cada pessoa deve encontrar o seu ponto de ajuste), e, assim, um adequado ambiente pode se mostrar o santo remédio para o "irremediável". A predisposição teórica de certas informações genéticas pode ficar apenas na vontade e não ganhar terreno na prática diária do viver mediante fatores como alimentação, exercícios físicos, equilíbrio emocional, ocupação mental etc. Porém, caso o cotidiano não seja salutar, certas letras do DNA tendem a concretizar as promessas nelas embutidas, então o famigerado "destino" se cumpre rigorosamente.

A linguagem é outro bom exemplo, haja vista todo ser humano nascer equipado biologicamente com ela, e, se não houver nenhum acidente de percurso tal como uma doença ou lesão cerebral que afetem regiões fundamentais da fala, ou um forte trauma psicológico, a criança poderá desenvolvê-la nas suas já conhecidas etapas. Todavia já se comprovou que mesmo dispondo de tal recurso genético, se não houver uma estimulação adequada no convívio com outras pessoas, os resultados podem variar do desfavorável ao extremamente empobrecido.

Não obstante, mesmo que o ambiente tenha o seu papel crucial na vida do ser humano, somos reféns de informações genéticas que sequer podemos ter consciência a seu respeito. Egoísmo, altruísmo, compaixão, sexo, agressão. De algumas se pode escapar, de outras,

no entanto... Ou seja, independentemente de acharmos que temos o livre-arbítrio da nossa própria vida, e que tomamos decisões autônomas, a coisa não funciona bem assim? Ninguém é tão livre? Quantas escolhas fizemos que já não estavam na fila das tendências? Quantos pontos de vista "originais" estabelecemos que já não se encontravam escondidos atrás das cortinas genéticas nos palcos da vida? Afinal, é tudo um jogo de cartas marcadas? Cadê a liberdade de escolha?

É preciso cautela e detalhamento para avaliar tais questões. Contudo, é certo que elas dizem respeito ao jogo evolutivo que impõe toda a herança genética de antepassados em nós disponível (hoje somos o resultado das muitas adaptações que venceram a teimosa extinção), e o ambiente, que, quanto maior for a consciência a seu respeito, tanto melhor poderá ser a articulação entre a natureza e a criação.

Saber mais, pois, é um dos importantes objetivos a se atingir. Não somos tão livres em um jogo de cartas marcadas, é evidente que há poderosas forças biológicas atuando em direções pré-estabelecidas. Por outro lado, não é visível que está em nossas mãos como a natureza poderá se manifestar, dependendo de que modo lhe imprimimos a nossa forma de pensar e agir, pesquisar, avaliar e mudar o que for necessário?

Evolução criativa

A aparente estabilidade que encobre as lentas modificações sofridas desde a existência da primeira célula primitiva é apenas uma ilusão acerca do equilíbrio tão amplamente desejado pelo ser humano, que sempre almejou se sentir seguro ante o caos que verdadeiramente é a nossa realidade. Contudo, nada detém a essencial marcha da vida, que é capaz de proporcionar novos caminhos a cada obstáculo que surge na vasta caminhada evolutiva.

E é justamente em razão de cada conflito que se impõe a superação criativa e a vital adaptação, cuja informação genética é transmitida à geração seguinte, como no caso dos seres humanos, por exemplo. Não é à toa que se diz, popularmente, que a necessidade é a mãe da invenção. Quando o avanço é crucial, e é preciso deixar para trás algo do qual não se precisa mais, portas desconhecidas se abrem a novos acessos. Um fator determinante neste cenário de modificações voltadas à sobrevivência é a aprendizagem, que permite a aquisição de novos saberes relacionados às maneiras de se lidar com o mundo em constante mudança.

Aprender é ampliar as capacidades inteligentes presentes no homem, levando-o a extrair mais recursos de si mesmo. A cada nova aprendizagem, nova desestabilização surge, rompendo com o temporário equilíbrio. Por sorte, pois é através de tal inconstância que se obtêm novas e cruciais respostas às frequentes questões do desenvolvimento. Então, quanto mais se aprende e mergulha-se no mar da sabedoria, tanto melhores serão as chances de encontrar abundantes recursos em si mesmo a fim de transpor cada barreira que, inevitavelmente, surgirá ao longo da vida.

Aprender, contudo, requer do aprendiz constantes doses de vontade e espírito persistente na aquisição do saber. E, no atual estágio evolutivo em que nos encontramos, somos presas fáceis da cegueira e da acomodação, as quais nos levam, convenientemente, ao descrédito relacionado ao conhecimento – fugimos dos livros, da reflexão e da criação – e à conformação com o próprio estado notadamente atrasado.

Queixamo-nos consideravelmente de tal marasmo, mas não empreendemos as mudanças criativas que certamente podem auxiliar na virada da mesa das nossas próprias inquietudes. Tememos as mudanças sem entender que nelas residem as auroras do avanço e da sobrevivência. Desejamos o sossego em demasia sem nos dar conta de que a sua serventia é temporária, e não permanente. Despercebidamente, lutamos contra nós mesmos. Vê-se nisso o desgastante embate que o ser humano trava consigo mesmo no escuro proporcionado pela falta de conhecimento.

Evoluir criativamente, portanto, diz respeito (e muito!) ao envolvimento que se tem com o saber e a prática do pensamento reflexivo, cujos resultados, via de regra, são ideias inteligentes, que procuram substituir velhos recursos por novos, à medida que as transformações fazem-se imperiosas para o nosso aperfeiçoamento e a vital continuidade.

Os despertares da inteligência evolutiva

Ao comparar os achados pré-históricos do homem de Neandertal e do homem de Cro-magnon (nosso antepassado), emergiu uma importante pergunta: o que os diferencia tanto, a ponto de justificar o considerável desnível de inteligência existente entre ambos, ainda que a leitura genética os aproxime? Os recentes estudos apontam para algumas possíveis respostas, as quais se relacionam ao tipo de convívio, além da alimentação rica em proteína obtida pela carne ingerida (desenvolvimento cerebral), fato já verificado por meio da análise dos isótopos das partes proteicas presentes nos ossos das duas espécies.

As evidências mostram que os Neandertais viviam em pequenos grupos de 15 a 20 membros, e sua atividade comum era a caça, a qual contava com o apoio coletivo, haja vista eles terem de se lançar à sorte quando se deparavam com enormes e perigosos animais (significativa porcentagem das ossadas está quebrada e perfurada). Para ter êxito, foi necessário o mínimo de comunicação entre eles (sua laringe é idêntica à nossa, permitindo um sistema de linguagem à época), além do tamanho do crânio, com variação entre 1.200 e 1750 cm³ (maior que o nosso em alguns casos). Logo, nem o tipo de alimentação, nem a anatomia do Neandertal o impediram de deslanchar na escalada evolutiva. O que foi então?

Uma das hipóteses mais bem aceitas no seio da comunidade científica é o despertar mais aguçado da inteligência humana a partir de dois fatores: o desenvolvimento tecnológico de ferramentas específicas frente a cada nova dificuldade encontrada pelos Cro-magnons (criatividade e flexibilidade) e a farta rede de comunicação entre os seus grupos dispersos nas muitas regiões (inteligência

social), o que levou ao exercício das trocas de objetos por eles produzidos: armas (pequenas pontas de lança de obsidiana, uma rocha vulcânica de fácil manipulação encontrada em lugares longínquos), adornos (colares feitos dos dentes humanos e réplicas esculpidas de conchas marítimas) e o arsenal artístico (pinturas, esculturas e instrumentos musicais: a flauta primitiva).

Os Neandertais, contudo, possuíam uma mente inflexível, tanto que seus instrumentos de caça não tiveram mudança significativa ao longo da sua existência. Era empobrecido o nível de interação entre os grupos, assim, ao que tudo indica, houve um sistema de comunicação que serviu apenas para as atividades localizadas de caça e convivência mínima dentro do pequeno agrupamento. Eles se limitavam pela baixa qualidade de produção tecnológica e a escassa interação social, impedindo a expansão da aprendizagem e de novos horizontes cujas descobertas normalmente estimulam o desenvolvimento.

Cabe, pois, a nossa mais profunda reflexão, pois os louros e glórias transportados através das sucessivas superações (algumas mais ágeis, outras...) assinadas nos genes da continuidade, contrastam às vagarosas passadas dadas atualmente e ao potencial disponível. Será que nos acomodamos? Por ventura nos sentimos bem superiores a tudo o que observamos ao nosso redor e assim colocamos o burro na sombra? Será que não é o momento de acordar com uma chacoalhada reflexiva e perceber que há muito (é indizível o tanto!) à frente? Se o passado permitiu o despertar da inteligência evolutiva, o presente também pode fazê-lo, não? E o futuro, o que esperar dele? Não chegamos ao cume da montanha, estamos na sua base. Será que a cegueira produzida pelo autoengano impede o acesso a novos e maiores saltos na jornada que muito promete se houver empenho?

O círculo vicioso da expectativa autoenganada

Resumo

As expectativas depositadas no outro, se não atendidas, podem causar frustração, raiva e tristeza, em graus que variam conforme a necessidade de cada um ser atendido em tais demandas. Várias expectativas são bem claras, cuja consciência permite que se elabore uma nova estratégia que vise a alcançar o desejo até então frustrado em outro momento oportuno. No entanto, há algumas expectativas que demonstram ser insaciáveis (normalmente relacionadas à ausência de atenção, reconhecimento e valorização), levando a um círculo vicioso de mal-estar resultante, chegando mesmo a se estender por uma vida inteira, caso não se enxergue a raiz da questão, que na maior parte das vezes não é evidente. Não obstante, é comum, e até cômodo, culpar outrem por tal infortúnio emocional, mas o que não se sabe é que tais expectativas (surgidas qual um mecanismo de defesa, o autoengano, presente na informação genética cuja preocupação é se adaptar e lograr a sobrevivência da espécie), que levam ao círculo vicioso da frustração, da raiva e da tristeza, se originam, via de regra, na infância, e acompanham a pessoa até a vida adulta, levando-a a manter um quadro antigo, mascarado e atualizado de "novas demandas". Somente a séria autorrevisão (e psicoterapia) permite que se tome a devida consciência, e, assim, reduzam-se os efeitos de tal processo repetitivo.

Introdução

Por que é tão intolerável perceber no outro (pais, cônjuge, filhos, etc) a ausência de acolhimento em algumas questões emocionais importantes? É o outro de fato que não atende a tal apelo, demonstrando insensibilidade, ou somos nós que esperamos algo que o outro não pode oferecer? Equivaleria afirmar que o outro igualmente se sente frustrado conosco quando espera algo que não dispomos?

Antes de analisar as questões formuladas, contudo, é fundamental que se compreenda um pouco melhor a natureza humana, a fim de abrir caminho para apresentar algumas hipóteses a respeito da expectativa, da eventual frustração, da raiva e da tristeza decorrentes, apoiando-se, portanto, na psicologia evolucionista, na neurociência e nas teorias da personalidade.

Aspectos evolucionistas relevantes

Está presente em nós, através da informação genética, o autoengano, elemento crucial que permite uma melhor tolerância adaptativa ao ser humano frente às dificuldades impostas pelo ambiente. Não fosse por tal artimanha, reduzir-se-ia a capacidade de suportar sensações dolorosas emocionais, podendo levar a um sério declínio das expectativas, e, por conseguinte, a provável desistência de se planejar e empreender projetos de vida, haja vista a vontade ser desestimulada pela ausência de horizontes definidos. Em última instância, a morte pareceria um final bem vindo diante de tamanho mal-estar causado pela falta de sonhos e fantasias; elementos

capazes de dar cor e brilho às pinceladas que imprimimos sobre as brancas telas da vida.

Com efeito, o autoengano, portanto, assume o papel de manter acesa a chama da expectativa. Não obstante, esta autoilusão encontra-se livre para atuar em outros sítios psicológicos, tais como na aproximação e manutenção das relações sociais (viver em grupo é muito mais seguro do que se manter solitário para enfrentar os típicos perigos existentes, ainda que os atuais modelos de sociedade sejam deficientes), na vida conjugal e criação dos filhos (mesmo que existam dificuldades, o mais importante é a sobrevivência da prole, que carrega os genes para a posteridade, do contrário, a extinção da espécie pode se tornar uma ameaça bem próxima de se concretizar). Mais: acomodados que somos, deixamo-nos levar pelo autoengano em outros casos (sem que tenhamos a devida consciência, é claro), nos convencemos de que somos mais do que de fato somos, e dificilmente aceitamos as deficiências em nós presentes, quando muito, fazemos uma breve menção, reduzindo-lhes o tamanho, desconsiderando as inevitáveis consequências. Cremos que sabemos mais coisas do que os outros, dirigimos os carros melhor que os demais, por exemplo, e, na contrapartida, os outros é que erram, são imprudentes... Logo, somos movidos, em boa dose, por predisposições biológicas que, por um lado, nos protegem e nos mantêm vivos na escalada evolutiva, e, por outro, somos reféns do jogo criado pelo autoengano.

Destaque-se, pois, a força com que atua o autoengano ao gerar diferentes tipos de expectativas, capazes de levar o ser humano a crer naquilo que muitas vezes inexistente (ainda que eventualmente venha a existir um dia), e que pode manter-se apenas como pura fantasia, levando a frustrações que incomodam em graus que variam conforme cada um consegue responder naquele momento de vida. Não é raro esperarmos comportamentos específicos das outras

pessoas de acordo com as nossas necessidades, e delas pouco (ou nada) obter, desencadeando a frustração, a raiva e a tristeza.

As emoções

O cérebro atual é fruto de incontáveis mudanças evolutivas ocorridas ao longo do tempo, e tais transformações permitiram que o ser humano alcançasse tamanho sucesso tecnológico, observado através dos equipamentos e sistemas operacionais disponíveis no mercado. No entanto, tal fator diz respeito, em maior escala, à esfera da razão (impulsionada naturalmente pela motivação), cuja demanda histórica crescente de desenvolvimento deveu-se aos interesses do conforto obtido em cada nova descoberta ou aperfeiçoamento. Ou seja, foram os prazerosos resultados que mantiveram o homem na estrada do crescimento racional a fim de mantê-lo produzindo os bens que vigorosamente aspira tanto para a sua sobrevivência quanto para o seu deleite.

O fato, contudo, é que se prezou em demasia a razão, deixando de lado a emoção. Não se ouve tratar do desenvolvimento das emoções. Há incredulidade, inclusive, a este respeito. As emoções podem ser desenvolvidas? Pergunta-se. Podem, sim, é uma resposta importante a ser observada. Logo, lá estão as emoções, em estado bem primitivo, obviamente, cumprindo as suas funções. O foco aqui pretendido observará o medo, a raiva, e a tristeza, na importante tentativa de explicá-los, ainda que resumidamente, pois eles estão na mira do "círculo vicioso da expectativa autoenganada".

A tristeza, pois, serve para aquietar e levar à introspecção, alcançando, conforme se investe nesta direção, a reflexões que permitam uma observação dos acontecimentos íntimos (difíceis de

serem observados no cotidiano, pois somos presas dos estímulos externos, além de gerarem dor emocional). A autorrevisão é fundamental, e deveria ser realizada com frequência, tanto quanto se perceba a sua necessidade, a fim de se buscar maior qualidade de vida e harmonia consigo mesmo. Mas o medo e o descontrole podem cegar a respeito de tal responsabilidade pessoal, então perdemos a chance de entrar em contato com a nossa porção mais escondida.

A raiva, por sua vez, destina-se a impulsionar o ser humano quando o mesmo se encontra em uma difícil situação de escolha. Quando a indecisão reina, e se tem um prazo para escolher entre uma coisa e outra, somos tomados a agir com raiva, impetuosamente, em boa parte das vezes, do contrário, ficamos passivos, acomodados, e não optamos; e optar tem um significado essencial na linguagem evolutiva da sobrevivência e adaptação. A raiva também nos posiciona nas condições de ataque ou defesa mediante um estímulo externo percebido pelo cérebro como ameaçador (mesmo que seja apenas uma impressão, e não algo real, concreto). A estratégia é manter a informação genética preservada, para que possa ser transmitida oportunamente às descendências.

Do mesmo modo, com o propósito de manter o genoma intacto, sem arranhões, o medo torna-se o escudeiro mais preocupado em estimular o estado de alerta, com grandes propensões a fugir de enrascadas que causem danos, sobretudo os mais significativos. Todavia, o medo pode ganhar dimensões enormes, e gerar fobias de toda ordem, se houver pressão e ansiedade suficientes para tanto. E, com destaque, o medo pode ativar defesas psicológicas (o autoengano) quando certas ameaças se fazem presentes.

Então, desde a infância, período em que ocorre um significativo desenvolvimento (intelectual, psicológico etc), se a criança não for capaz de obter para si a satisfação daquilo que precisa: acolhimento,

atenção (observe-se que as suas expectativas podem ser maiores em relação ao que é possível ser ofertado pela contraparte), ela poderá desencadear graus de ansiedade relacionados a tais faltas, ainda que prossiga em seu crescimento. Tais crianças tendem a ficar aguardando o que lhes falta através de expectativas fantasiosas, quer seja, o autoengano, defensivamente, qual uma esperança de que tudo possa melhorar de uma hora para outra, ou, ainda, na forma de queixa ou afrontação em várias oportunidades (por meio de outros caminhos, a exemplo de polemizar diferentes assuntos domésticos, ou seja, questões "alheias" à falta de atenção), como tática, ainda que inconsciente, de obter certa dose da tão aspirada atenção. Mas o preço a se pagar pela artimanha inconsciente diz respeito à insatisfação resultante, haja vista ter-se atingido apenas a borda do alvo, cujo centro está longe de ser alcançado em razão de estar desalinhado, na raiz, entre as expectativas, de um lado, e, de outro, o que é possível (de fato) de ser oferecido.

Posteriormente, na fase adulta, por conseguinte, as defesas podem ser constantemente acionadas se houver a percepção de estímulos desagradáveis (rejeição, indiferença, suspeita de rompimento do relacionamento) que causem fortes ansiedades. Assim, o autoengano continuará a funcionar na vida adulta tal como fazia na infância, nos casos em que as expectativas são frustradas; estas, normalmente estão relacionadas à autoestima (atenção, reconhecimento, valorização). O "adulto" persegue com empenho, sem se dar conta, é claro, a mesma necessidade íntima que tanto esperou na infância, além de discussões e brigas que podem acontecer, indo desde leves provocações até explosões emocionais, conforme cada caso.

O medo de se sentir mal aciona o autoengano, que entra em cena na tentativa de proteger, reduzindo o estresse e a ansiedade que se instalam avidamente. Mas, em boa parte das vezes, tal

autoilusão diz respeito à fantasia de que o outro mudará os seus comportamentos e passará a atender às necessidades emocionais de tal demanda. É claro que é difícilimo que isso ocorra (para não dizer impossível), e a frustração chega com força, pois a expectativa não se alinha com a realidade, levando à raiva, como outra resposta defensiva que pretende intervir no ambiente e ajustá-lo, e também à tristeza, como uma oportunidade de rever a situação e encontrar uma solução mais adequada. Pergunta-se, no entanto: quantas pessoas aproveitam tal ocasião para fazer uma autorrevisão e mexer com firmeza no que é preciso? Sem a autoavaliação, vê-se o seguinte resultado: é defesa atrás de defesa se armando contra as impressões geradas pelo cérebro (grosso modo, tais impressões dizem mais respeito a interpretações errôneas e hipervalorização do quadro negativo do que a fatos reais).

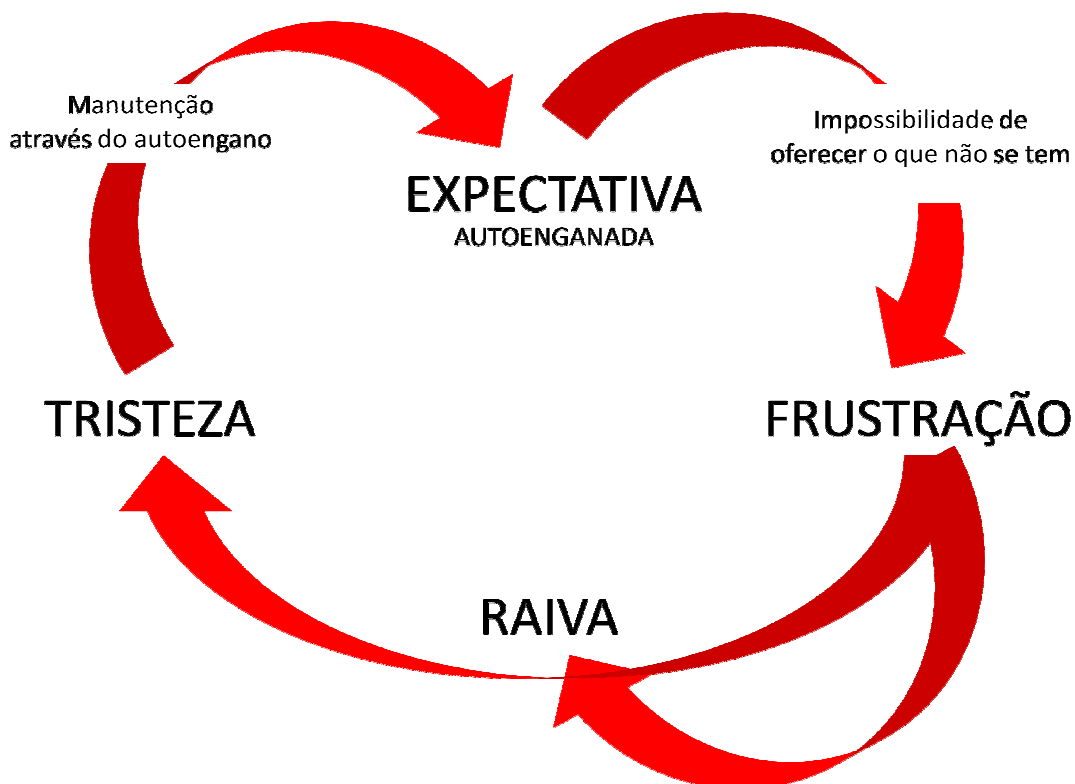
O Círculo Vicioso da Expectativa Autoenganada

Considerando-se os aspectos evolucionistas relevantes, que versam acerca do autoengano, enquanto medida defensiva que tenta preservar, a todo custo, as informações genéticas presentes no ser humano, e que tal artifício pode ocorrer tanto para proteger, em medidas naturais e adequadas, quanto no estado exagerado, a ponto de fazer crer em coisas bem longe de serem concretizáveis, ou, trocando em miúdos, de nos levar a criar fantasias variadas, e, também, as emoções, cuja dinâmica está intimamente relacionada a muitos comportamentos defensivos (que normalmente nos acompanham desde a infância, indevidamente, até a vida adulta, por exemplo: esperar do outro coisas que sequer sabemos se ele possui, mas as esperamos com todas as forças), é possível antecipar, com

certo grau de clareza, que os resultados esperados serão, via de regra, frustração, raiva e tristeza.

Ressalte-se que tal processo se repete continuamente, pois enquanto não houver o cessamento de se esperar autoenganadamente, tudo se repetirá, com possibilidade de ampliar a intensidade em razão de novas expectativas (igualmente autoenganadas) sobre novos caminhos que deverão se abrir para solucionar o que, no íntimo, demonstra não ser resolvido nunca.

CÍRCULO VICIOSO DA EXPECTATIVA AUTOENGANADA



Observe-se, todavia, que o círculo vicioso da expectativa autoenganada mantém-se pela inconsciência a seu respeito. A crença de que se está no caminho certo (logo não há necessidade de se mexer, modificar qualquer coisa em si mesmo), e que o outro é que

precisa mudar é o que sustenta o cenário. É mais cômodo querer mudar o mundo do que a si próprio, pois dá trabalho ter de investir em si mesmo, e quanto aos outros, basta ficar no desejo. Por outro lado, caso ocorram autorrevisões suficientes, a ponto de fazer enxergar o autoengano, o quadro pode mudar, evitando-se esperar do outro o que provavelmente ele não pode oferecer (talvez já tivesse até ofertado naturalmente, caso existisse de fato), cessando a expectativa autoenganada, e, conseqüentemente, a frustração, a raiva e a tristeza relacionadas à autoilusão do caso em foco.

Vale a pena inverter a situação, propondo que se reflita sobre o quanto o outro também espera de nós, por coisas que também não dispomos (naquele momento de vida, ou por toda ela), e o quanto também lhe frustramos, causando raiva e tristeza igualmente. Ficamos tão admirados, que alegamos já ter oferecido aquilo que se pede (que pode ser insuficiente), a ponto de cremos que o outro é ingrato. Mas não passa por nossas cabeças o fato de que o outro cria expectativas autoenganadas sobre nós, assim como o fazemos em relação a ele.

Uma beleza invisível

Com as recentes descobertas científicas, fruto da dedicação de áreas como paleontologia, antropologia, arqueologia, biologia, evolucionismo, e outras, os crescentes recursos tecnológicos (o Santo Graal da pesquisa), além da sorte para encontrar as evidências, o trabalho de escavação e o planejamento em cada projeto, e da verba para custear cada etapa crucial, tornou-se possível tomar maior contato com o nosso passado, levando-nos a compreensões cada vez mais esclarecedoras ao abrir os olhos e contemplar o inestimável conjunto humano ao qual pertencemos.

Exames refinados de DNA, em institutos de impecável reputação -- como o Max Planck, em Leipzig, na Alemanha --, alcançam o código genético de até lascas de ossos fossilizados cuja datação remonta a muitos milhares de anos, identificando com estonteante precisão, as misturas de sequências genéticas de variadas espécies em seres humanos híbridos encontrados em regiões distantes no planeta, em cavernas, por vezes.

Trata-se de um imenso mosaico, que apenas pode ser visto, em perspectivas maiores, à medida que os pequenos detalhes (evidência a evidência, teste a teste, conexão a conexão) ganham terreno no caminho do desenvolvimento. Não obstante, neste mesmo cenário multifacetado, encontra-se a chave interior para a nossa própria sobrevivência, lei irrevogável e genialmente disposta no código da vida, ou os genes, pois, trata-se exatamente da capacidade adaptativa para enfrentar o mundo invisível dos micro-organismos (bactérias, por exemplo) aos quais somos expostos. Trocando em miúdos, a mistura entre espécies diferentes de humanos (Homo sapiens, Homo neanderthalensis, Homo erectus, Homo denisovensis), ocorrida há considerável tempo, permitiu que trechos genômicos de

importância capital ao sistema imunológico fossem acrescentados aos novos herdeiros, de populações que se movimentavam pelo globo terrestre, aumentando a sua resistência contra inimigos comuns até aos dias de hoje. É o que se chama de atalho evolucionário, ao invés de ter de esperar por mutações naturais que levariam demasiado tempo, abrindo, tenebrosamente, brecha para eventuais extinções. É o pulo do gato pré-histórico!

Cruzamentos entre os diferentes ampliou, inteligentemente, o sistema imunológico humano. Não é algo que se veja externamente por razões infinitamente microscópicas e também reservadas à vida interna orgânica. Só é possível enxergar, superficialmente, qualquer variedade através de características tais como cor de pele e anatomia. É bem pouco!

Por fim, vale a pena refletir, a variedade não apenas reflete beleza aos olhos, mas dispõe segurança e preservação, ela é um mecanismo enriquecedor natural altamente eficaz ao processo evolutivo. Ainda, poder-se-ia perguntar se diversidade nas relações sociais também se encontra carregada de belezas invisíveis, além do que é possível enxergar comumente... Por ventura não ganharíamos mais, caso abrissemos as portas universais ao bem diferente (pessoas e suas ideias), em vez de nos mantermos em certas reservas tribais?

Referências

- BEE, Helen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BONAVIDES, Paulo. *Ciência política*. São Paulo: Malheiros Editores, 2006.
- CECIL, Jessica. *Instinto humano: sobrevivência*. I BBC, 2002, Londres. CD-ROM.
- CECIL, Jessica. *Instinto humano: proteção*. IV BBC, 2002, Londres. CD-ROM.
- COOK, Michael. *Uma breve história do homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- DAMICIS, Francesca; HOFER, Petra; RECKENHAUS, Freddie. O cérebro inconsciente [automático] I, Media, 2011, CD-ROM.
- DAMICIS, Francesca; HOFER, Petra; RECKENHAUS, Freddie. O cérebro inconsciente [automático] II, Media, 2011, CD-ROM.
- FADIMAN, James. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986.
- FONSECA, Eduardo Giannetti. *Auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GUYTON, Arthur C. e HALL, John E. *Fisiologia humana e mecanismos das doenças*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. In: Coleção Os Pensadores, São Paulo, Nova Cultural, 2004.
- JOHNSTONE, Gary. *O sexo na antiguidade: a idade da pedra*. Channel 4 & TLC, Londres, CD-ROM.

- MLODINOW, Leonard. *O andar do bêbado: como a acaso determina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- O Código de Hammurabi. Introdução, tradução do texto cuneiforme e comentários. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PINKER, Steven. *Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PONTES, Cleto Brasileiro. *Psiquiatria: conceitos e práticas*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.
- VV.AA. *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- WRIGHT, Robert. *O animal moral: por que somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

O autor

Psicólogo, professor e mestre em liderança. Ministrou cursos e palestras no Brasil e no exterior. Pesquisador dos campos da psicologia organizacional, educacional e sócio-econômico, com experiência em orientação de pesquisa. Autor e coautor dos livros Gigantes da Liderança, Gigantes da Motivação e Educação 2006.